Espólio Literário
de
GENERINO DOS SANTOS

# HUMANIADAS

## O Mundo - A Humanidade - O Homem

*Todo o esforço, em melhorar,*
*Bem merecer, é de louvar.*

VOLUME QUINTO

**LIVRO OITAVO — ALMA REFLEXA**

**(Impressões estheticas)**

—— oOo ——

RIO DE JANEIRO
Typ. do Jornal do Commercio
Rodrigues & C.
—
1938

E' FAVOR ACCUSAR O RECEBIMENTO DESTE VOLUME DE "HUMANIADAS", PARA: —

DR. LUIZ FELIPPE VIEIRA SOUTO.

RUA DOS VOLUNTARIOS DA PATRIA 69

BOTAFOGO - RIO DE JANEIRO

DISTRICTO FEDERAL -

BRASIL.

Espólio Literário
de
GENERINO DOS SANTOS

# HUMANIADAS

## O Mundo - A Humanidade - O Homem

*Todo o esforço, em melhorar,*
*Bem merecer, é de louvar.*

---

VOLUME QUINTO

**LIVRO OITAVO — ALMA REFLEXA**

**(Impressões estheticas)**

—oOo—

RIO DE JANEIRO
Typ. do Jornal do Commercio
Rodrigues & C.
—
1938

Acervo da Biblioteca
Casa de Oswaldo Cruz FIOCRUZ

ACERVO DA CASA DE OSWALDO CRUZ
BIBLIOTECA
REGISTRO Nº
34702/13
802
S237h
U.5 1938
Cd. F.C.

Forão impressos désta obra:

200 *exemplares em papel* BUFFON *de 1ª qualidade e*
800 *exemplares em papel de 2ª qualidade, que constituem a "edição popular"* (TESTAMENTO *p. XXIV*).

# INDICE DO VOLUME QUINTO

LIVRO VIII — ALMA REFLEXA


| | Pag:. |
|---|---|
| Advertencia . . | 9 |
| A Arte n'uma exposição d'arte republicana | 13 |
| Ars suprema! . | 14 |
| In excelsis, Floriano! | 15 |
| Ao mais digno! | 16 |
| Barbara Héleodora de Alvarenga Peixoto | 17 |
| Ave, Argentina! . | 18 |
| No symbolico monumento de Decio Villares a Julio de Castilhos . . | 19 |
| A scisma do Corcovado | 20 |
| A estatua de Augusto Comte | 21 |
| A epopéa Africana no Brasil | 22 |
| Vendo passar o cortejo funebre de José Mariano | 23 |
| **Olhos maguados** | **24** |
| Allucinação de Heloisa | 25 |
| A pinturesca paixão de José Leandro | 26 |
| Adormecido . . | 27 |
| **Zeuxis e seu discipulo** | **28** |
| Moysés . . | 29 |
| A dança macabra | 30 |
| Morte de Cervantes | 31 |
| Brasiliensis palmarum ordo | 32 |
| A um bronze | 34 |
| Intime Geschichie... | 35 |
| Ante um retrato de João Fernandes Vieira | 36 |
| Sobre um retrato de Alexandre Hercuano | 37 |
| Ante um retrato de Offenbach | 38 |
| Sorriso fugitivo... | 39 |
| Jarra Beethoven | 40 |
| As sylphides | 41 |
| Cleópatra . . | 44 |

PAG:.

Sheherasade . . ..... 45
O deus azul ..... 46
Marcha e danças polacas do "Prince Igor" ..... 47
Thamar . . ..... 48
O lago dos cysnes ..... 49
Carnaval . . ..... 50
O pavilhão de Arunda ..... 51
O espectro da rosa... ..... 52
A sesta de um fauno ..... 53
Salomé . . ..... 54
O bailado das horas ..... 55
Madame . . ..... 56
Le rossignol de Gounod ..... 57
Sonata de Kreüter ..... 59
Ouvindo Saint-Saëns ..... 61
Ouvindo Saint-Saëns ..... 62
La damnation de Faust ..... 63
Ouvindo "Damnazione de Faust" ..... 64
O Sonho de Margarida ..... 65
Meu caro Alfredo ..... 66
"Souvenir" et "Saudade" ..... 67
Ecoutant Vecsey ..... 68
A Ferenc de Vecsey ..... 70
A Ferenc de Vecsey ..... 71
Ouvindo Vecsey ..... 72
Ouvindo Vecsey ..... 74
Ouvindo Vecsey ..... 75
Ouvindo Vecsey ..... 76
Ouvindo Vecsey ..... 77
A Jan Kubelik ..... 79
Ouvindo Kubelik ..... 80
Ouvindo Kubelik ..... 81
Ouvindo Kubelik ..... 82
Ouvindo Kubelik ..... 83
A Paderewski ..... 84
Ouvindo Chopin ..... 85
Ouvindo Chopin ..... 86
Chopin . ..... 87
Ouvindo Chopin ..... 88
Marcha Funebre ..... 89
Marcha Funebre ..... 90
Na morte de um heroe ..... 91
Ouvindo Beethoven ..... 92
A Miecio Horszowsky ..... 93

PAG:.

A Miêce Horszwsky ..... 96
A Miêce Horszwsky ..... 97
Dans le dernier portrait de Miêce Horszwsky ..... 98
Dans le rêve ..... 99
Fleur tarèe ..... 100
Vieux garçon ! ..... 101
Parsifal ..... 102
Parsifal ..... 103
A cavalgata das Walkyrias ..... 104
Sonhos... ..... 105
A genese de Wagner ..... 106
Crepusculo e morte dos deuses ..... 107
O oiro do Rheno ..... 108
Murmurios da floresta ..... 109
Ouvindo Lohengrin ..... 110
A cavalgata das Walkyrias ..... 111
Um coração ..... 112
Ouvindo Rubinstein ..... 113
A Harry Farbman ..... 114
Ouvindo Werther ..... 115
Ouvindo Schumann ..... 116
Ouvindo Abul ..... 117
Ouvindo a Protophonia do Guanary ..... 118
L'èvocateur . . ..... 119
Ouvindo Risler ..... 120
Ouvindo Ketterer ..... 121
O violinista ..... 122
O ultimo beijo de Paganini ..... 123
A esphinge ..... 124
A' Nicia Siilva ..... 125
A' grande pianista brasileira Antonietta Rudge Miller ..... 126
Bravo! ..... 128
Jupyra ..... 130
Gemeas e sosias ..... 132
Acusmata ..... 133
Ronda de violinos ..... 134
Mão vidente ..... 135
Monologo de Sahara ..... 136
A alma de Malibran ..... 137
Violão saudoso ..... 138
Genesis lendaria da Harpa ..... 139
Ouvindo Rigoletto ..... 140
E Lucevan le Stelle ..... 141
Requiem de amor ..... 142

PAG:.

Tosca ..... 143
Ouvindo Florizel Von Reiter ..... 144
Les Erinnyes ..... 145
Butterfly — Miura ..... 146
Cio-Cio-San ..... 147
Mischa Violin ..... 148
Ouvindo de novo a velha "Aida" ..... 149
O minuette ..... 150
Musica de Camera ..... 151
Ouvindo Grieg ..... 153
Lenda do banjolin ..... 154
Rosmersholm ..... 155
Espectros ..... 156
Hedda Gabler ..... 157
De menina e moça a Bernardim Ribeiro ..... 158
Luzia homem ..... 159
Lasciami partir ..... 160
Ultimos dias de Pompeia ..... 161
Rima dificil ..... 162
Come le foglie... ..... 163
Lendo "Solness" — o constructor ..... 164
Almas solitarias ..... 165
O cavalleiro negro ..... 166
Tartufo ..... 167
A samaritana ..... 168
Theodora ..... 169
Monna Vanna ..... 170
Na morte de Eugenio de Magalhães ..... 171
Ruy Blas ..... 172
Le baiser de Roxane ..... 173
Le cor d'Hernani ..... 175
A nave ..... 176
El desden con el desden ..... 177
Ideal ..... 178
A quéda de Satan ..... 179
Electra ..... 180
Oedipo — Rei ..... 181
Olhos funereos ..... 182
La niña boba ..... 183
Pela mulher ..... 184
Alma de poeta ..... 185
Na pagina 190 de "O desencantado encantamento" ..... 186
Germinal ..... 187
Germinal ..... 188

PAG:.

Germinal ..... 189
No ventre de Paris ..... 190
O ultimo passo de "Don Quijote" ..... 191
Na escudela de Sancho Pança ..... 192
Ultimos momentos de Don Quijote ..... 193
No centenario da Dama das Camelias ..... 194
Quasimodo ..... 196
A janella do Occidente ..... 197
Benvolio ..... 198
Manhã de sol ..... 199
Na ultima pagina das "Canções do Inverno" ..... 200
Shilock ..... 201
A Ordem e o Progresso ..... 202
Poor Yorich... ..... 203
A interrogação de Hamlet ..... 204
Resolvendo o problema de Hamleto ..... 205
Coveiros de Shakespeare ..... 206
Dialogo de olhares ..... 207
Ars-mors sed non morta ..... 208
Te novun refert fluctus... ..... 209
Lendo Bocage ..... 210
A loucura de Lear..... 212
Rei — Lear ..... 213
A Ermete Novelli ..... 214
Tentação de Santo Antão ..... 215
Republicae Palladium ..... 216
A arte ..... 217
Nerone ..... 218
Ophelia ..... 219
João Caetano ..... 220
A Gargalhada ..... 221
Julieta e Romeo ..... 222
A' Emanuel ..... 223
A' Emanuel ..... 224
Gioconda ..... 225
A' Eleonora Duse ..... 226
A' Coquelin — Cyrano ..... 227
Na morte de Cyrano de Bergerac ..... 228
La course du Flambeau ..... 229
Souvenir de L'amoureuse ..... 230

# ADVERTENCIA

*Neste quinto volume das "Humaniadas", foram, sob o titulo de "Alma reflexa", reunidas producções poeticas, na maior parte sonetos, elaboradas em épocas as mais dispares, visando sempre impressões estheticas resultantes de leituras que impressionaram o autor ou espectaculos de arte a que assistiu. Monumentos, obras de arte, pessoas e cousas, ás vezes se fundindo foram em versos lembrados pelo poeta pernambucano do prisma sensitivo do momento.*

*São 207 composições que revelam no fundo o espirito sonhador de Generino, e porque não dizel-o, o aspecto romantico de sua pessôa, de seu sentir, talvez fóra da época em que veiu terminar os dias; mas guardando sempre o facho dos tempos da mocidade.*

*Valem principalmente como documentos retrospectivos, recordações de momentos da nossa historia artistica, esquecidos e esfumados.*

*Se por vezes faltar estro, não faltará de certo sinceridade e amor entranhado á terra que o viu viver.*

*Rio, 5-1.º1938.*

*L. F. V. S.*

LIVRO OITAVO

# ALMA REFLEXA

# A ARTE

## N'UMA EXPOSIÇÃO D'ARTE REPUBLICANA

A Eduardo de Sá

*Seu organisador*

Pas de contraintes fausses.
Mais que, pour marcher droit,
Tu chausses,
Muse, un cothurne étroit.

Th. Gautier. — *L'Art.*

Neguem-n'o embora! — Eu o sinto. A Arte pela Arte
— Seja "Emaux et Camées" — Cellini embora
Sem humano Ideal, que a revigora,
— Innócua — é obra vã, por toda parte.

Porque a Arte *idéalisa* — não colóra
Tão somente o real, de onde ella parte:
Educa o sentimento até que o farte;
Disciplina a razão; o acto melhora.

Deve ser, pois, profundamente humana:
— Sentida, impressionista, evolutoria,
Planetaria, isto é — republicana.

Deve um pé ter na Sciencia e outro na Historia:
— Os dois polos em que a alma, soberana,
Gyra, oscillando entre o Progresso e a Gloria.

110 — 1898.

## ARS SUPREMA!

*Ao Estatuario Eduardo de Sá, por occasião de inaugurar-se o seu immortal Monumento a Floriano Peixoto.*

Isto sim! é que é Arte — e Arte sublime!
— Concretisar no bronze e no granito
Toda a Historia do incola proscripto,
Que é tambem do invasor o hediondo crime,

Desde a pocema ou o lancinante grito
D' "O que ha de e vai morrer" ou medo exprime,
Até á catechese, que o redime,
E á morte, que liberta amor precito...

E, sobre "altos relevos de Heroismo".
Em que se pune revoltosa idade,
Erguer a "Estatua heroica do Civismo",

Sob ancestral pendão de Liberdade...
— Isto é Arte Immortal! E' symbolismo
Que transcende á ideal realidade!

Rio, 21-IV-910.

## IN EXCELSIS, FLORIANO!

*Na inauguração da sua immorredoura Estatua.*

AO SEU IMMORTAL ESTATUARIO

"Longis tempora aevum".

Sobre um bloco ancestral de mármore e granito,
Onde a imagem da Patria, em bronze, se levanta,
Maternalmente boa e humanamente santa,
Offertando uma rosa a quem lhe segue o rito,

E Yuca-Pirama impreca o filho de maldicto;
E só Caramurú, com seu obuz, o espanta;
E catechisa Anchieta a autocthone que o encanta;
E o amor do escravo o impelle ao pélago infinito:

Sobre espaduas de Heróes, como um Titão que
[escala
Os céos, pelo montante intacto do "mais digno",
Teu vulto austero assoma e, em cada olhar "A' bala!",

Do Cruzeiro do Sul enchendo todo o signo,
Com Xavier, Bonifacio e Benjamin, nos falla
Do Passado ao Porvir, radiographo benigno!

Rio, 21-IV-910.

## AO MAIS DIGNO!

*Painel allegorico de Eduardo de Sá*

AO INSPIRADO E MODESTO ARTISTA

Junto á tumba do Cid brasileiro,
Que, morto, mais qu'em vida nos governa,
Desolada a figura sempiterna
Da Materia sempre o teu quadro todo inteiro.

Soerguendo o estandarte do Cruzeiro,
A esquerda mão lhe aperta a effigie eterna;
Emquanto que a direita alça a prosterna
Espada que illustrára o seu guerreiro.

E, por legenda, apenas: "Ao mais digno"
Qual se fôra: "Lasciate ogni esperanza
Voi che vedete questo eroico signo!"

Sim! — que no vacuo teu pregão se lança.
— Não é que cada qual se julgue indigno...
Mas ninguem a empunhal-a se abalança!

113-1901.

## BARBARA HELEODÓRA DE ALVARENGA PEIXOTO

*Contemplando o baixo-relevo de Eduardo de Sá, no pedestal da estatua de Benjamin Constant.*

Em memoria dos inclytos mineiros e veros republicanos Thimotheo Antunes, Cidadão Polycarpo, Henrique Sales, Fernando, Estevam e Benevenuto da Silveira Lobo, na pessôa do seu digno e legitimo representante Antonio Lobo.

De quantas "fiéis d'Amor" que a Inconfidencia
Mineira acalentaram nos seus seios,
Penando áncias, angustias e receios,
Pelo dealbar da nossa Independencia;

Barbara! — foste a Humana Providencia
(Com Perpétua-Mineira... sem rodeios)
Moral que, agindo em mais austeros meios,
Do desdouro salvou a Inconfidencia.

Ella, seguindo á forca, Tiradentes,
Morre de dôr, vendo-o morrer, no espaço,
Estrangulado ás mãos de iniquas gentes;

Tu, para quem Peixoto era a existencia,
Bem mais quizeste-o ver, d'alva e baraço,
Do que trahindo a Patria e a Inconfidencia.

Rio, 21-IV-927.

## AVÈ, ARGENTINA!

*Symbolico Painel Decorativo de Decio Villares*

*Commemorando a fraternisação Argentino-Brasileira*

No doce rosicler crepuscular suspensa,
Vai-se alando Brasilea, ao sangue de tres raças
Que lhe amorena a pelle e lhe aprimora as graças,
Da linha horizontal da Guanabara extensa.

Caminha n'amplidão — cysne d'asa distensa —
Cingindo ao coração, bem como a irmãs collaças,
A "Bandeira do Sol", que, por sidereas massas,
A do "Cruzeiro" estrella, em nebulosa immensa,

Na bruma, vem quebrando a vaga o "Riachuelo",
O "Barroso" e o "Tamoyo" — artifices da guerra —
Como arauto da paz, trazendo o "Setestrello".

E Ella, em compostura artistica e felina,
Amaviando o riso e o olhar, deixa, por terra,
Vir as rosas cahir, saudando: "Avè, Argentina!"

Rio de Janeiro, 112 — 1900.

## NO SYMBOLICO MONUMENTO

De

DECIO VILLARES a JULIO DE CASTILHOS

Sobre os sete degráos das sciencias abstractas
Em que a ordem humana e social repousa,
Como n'um pedestal que o tempo arruir nem ousa,
Genialmente, em bronze, eterno, te retratas.

O tempo hade passar por ti como por cousa
Sagrada, sem deixar recordações ingratas;
Porque concretisaste aspirações sensatas
De ordem na liberdade: — eis o que te endeôsa.

E, quando, a campear pelos "geraes" a fóra,
Gaúcho — e "maragato" audaz — que não ignora
Quem és, passar por ti, dirá para seus filhos:

"Aquelle — o Rio-Grande em armas — foi Osorio;
Mas este — vêde-o bem! — bem mais foi meritório:
— E' o Rio-Grande em paz — foi Julio de Castilhos!

Rio, 08.

# A SCISMA DO CORCOVADO

*Allegoria iconographica de Decio Villares*

Sobre quem gigante de pedra
Que se diz "Corcovado" chamar.

— GONÇALVES DIAS — *O Gigante de Pedra.*

Sobre a vaga do Atlantico espumante
Corcova-se o troglodyta lendario
Que, desde o petreo berço terciario,
Verga ao peso de um mundo, como Atlante.

Desgrenhada a melena verdejante,
Barba a escorrer-lhe vem pranto millenario,
Immerge as plantas no revolto estuario
E esguarda, em nuvens, seu porvir distante.

Relembra, em si, todo o passado humano
E contempla o porvir maravilhoso
Que vem surgindo e alarga-lhe o oceano...

Que vê, porém? Por toda parte o odioso
Ruir do mundo antigo em fogo insano!
— E se quêda a scismar... — Angustioso!

Morro da Gloria, Rio — 11-XII-914.

## A ESTATUA DE AUGUSTO COMTE

(*Esquisse iconographica*)

Aos Estatuarios Eduardo de Sá e Decio Villares

Sobre a terrena crosta planetaria
Que o espaço envolve, em leis mentaes e exactas,
Dos sete degráos das sciencias abstractas
Erga-se a sua Estátua solitaria.

Nos tres primeiros — base necessaria
Firmem-n'o as leis geraes fetichocratas,
Que á existencia inorganica são gratas:
— Desde a Logica á Physica, inda vária.

Repoisem-n'outros tres nas propriedades
Dos corpos, que compõem affinidades
Chimicas, têm da vida o dualismo.

E, no último, esguardando o almo horizonte
Social e moral que, ao humano altruismo,
Rasgou, aos pés da Deosa, Augusto Comte.

L. G. — Rio, 16-VII-912.

## A EPOPEIA AFRICANA NO BRASIL

Miguelangelesco painel historico de Decio Villares em que, tripiticamente disfarçada embora, a regra das trez unidades de toda composição dramatica — tempo, logar e acção — como no "Juizo Final", é esthetica e technicamente observada.

Ao fraterno amigo, correligionario e genial Artista

No horizonte visual do tormentoso acervo
Onde o canhão lampeja, o bergantim negreiro
Despeja, em turbilhão, corpos de infecto cheiro
Que vem, para almoeda, a vil mercado humano.

E começa a Epopeia... — o atroz martyrio insano
Que a raça coração soffre do Brasileiro
Desde a senzalha ao eito e do alcouce ao coveiro,
Da cria á creação de um povo soberano!

E eis como, latifundio aromando em proceso,
Conquistamos, ao solo uberrino onde impera,
Todo o bem, toda a luz, republica e progresso!

Já vem clareando o dia. E — mestiço buffera
Humana — se transforma em povo, outr'ora oppresso
— A Epopéia Africana está finda...

Outra a espera.

## VENDO PASSAR O CORTEJO FUNEBRE

DE JOSÉ MARIANO

*para bordo do paquete que o deve conduzir a Pernambuco*

Vais repousar, emfim, no seio intemerato
Da nossa mãi commum, quasi tambem extincta
Na decadencia annual d'uma altivez faminta,
Tribuno emudecido em vão tabellionato.

Emfim te vais solver no obscuro anonymato
Dos teus, sem que o paiz, que agitaste, te sinta
A morte, a menos que, faccioso, te não minta:
Porque, anarchisando-o, o não serviste, ingrato.

Que importa um mausoleo te erija Pernambuco,
Como abolicionista, ao lado de Nabuco?
— Valeis os dois Zumbi ou o *Cupim* e a *negrada?*

Mas tu foste poder local com Zé Maria:
E que fizeste, em bem de nossa terra, um dia?
— Nada, nada, e mais nada — ai, tristemente! — nada!

Rio, VI-912.

## OLHOS MAGÔADOS

ELEGIA SENTIMENTAL

*No sahimento de Pedro Americo, grande pintor de olhos*

"Como ogivas talhadas para a alma
Donde a alma se mira e mira o mundo".

*A Aurelio de Figueiredo, Paulina Capanema e filhas.*

Olhos pretos e azues! Olhos creôlos!
Olhos que nos daes vida e daes conforto!
Olhos, chorai: quem vos pintou, é morto;
Morre, sem vossos mádidos consôlos!

Tudo pintou, a vôo de passarôlos,
Num colorido ardente... em vós absorto!
Toda su'obra é um genial abôrto
— Menos vós, que elle amou, olhos creôlos!

Menos vós; — que, a pintar-vos, foi cegando...
E, cegando, pintou-vos tão rasgados,
Que, quanto existe, em vós se está mirando!

E agora, como haveis de ser pintados,
Olhos pretos e azues, que o estais chorando,
E, de tanto chorar, já estais pizados?!

## ALLUCINAÇÃO DE HELOÏSA

(QUADRO DE PEDRO AMERICO)

Bella, dessa belleza, ardente e apaixonada,
Que inflamma quanto o sol meridional contenha
De heroico e sensual. (si é que o não desdenha!)
Na cella, aos pés do Christo, Heloisa está prostada.

Rijo o seio, a romper-lhe, indomito, a estamenha,
Extatica sorri, seguindo a enamorada
Scisma, que, da caçoula, em onda embalsamada,
Se desdobra e espiráes phantasticas desenha.

Via lactea ideal de eroticos amores,
Vê, condensado em sonho, evaporar-se o nardo...
E o fumo tomar, fórma... e a fórma tomar cores...

Já se evola a visão em voluptuoso alardo...
E ella sente esmaiar-se, em thalamo de flores,
— Aos pés do Christo? — Não! nos braços de Abelardo.

## A PINTURESCA PAIXÃO DE JOSE' LEANDRO

*Episodio artistico do 7 de Abril de 1831*

Aos pés da Carmelita Mãi Divina,
Pintára El-Rei João VI e a real michela,
E os principes reaes, sob a tutela
Do Anjo da Guarda: — um'obra bysantina.

Mas, da "Abobada" a popular chacina,
Contra Pedro I se rebella
E exige que, do templo a estranha tela,
Se apague a regea estirpe bragantina.

Débret resiste á turba iconoclasta.
Mas, quando se ella atira ao quadro, o dardo
Seu proprio autor a multidão affronta!...

Escala a altura... E, pallido, abnegado,
A' brocha e á colla "seu painel devasta,
Clamando á turba algoz: "Stá consumado!"

## ADORMECIDO

*Estevão Silva, Esboço de retrato a carvão*

D'APRÈS NATURE

No "balançoir" austriaco, prostrado
Pelo cançaço, após uma noitada
Em baile, pelas tres da madrugada,
Repousa o Plinio, a meio reclinado.

D'azul e branco, a *nacional* trajado;
Uma perna sobre outra retraçada;
Flascido o corpo; a esquerda mão pousada
No coração, que bate socegado;

Bem no espaldar plantada a cabecinha
Loira, onde o cabello que se alinha,
Franjado sobre a fronte, em cachos róla:

Dorme, tentando, na expressão do rosto,
Onde um sonho perpassa, um ar de gosto...
— Como, sob a aza, dorme a pomba rôla.

## ZEUXIS E SEU DISCIPULO

A Estevão Silva, pintor de fructas

Zeuxis roubou-me a minha arte; elle a traz comsigo.
— Apollodoro — A proposito de Zeuxis —

Zeuxis pintara, um dia, um cacho d'uvas
Com tal mimo e frescura, e uns tons tão quentes,
Que os crystalinos bagos reluzentes,
Quaes se os molhassem diamantinas luvas,

Vinham as aves debicar, contentes.
Tu não pintas ainda destas uvas;
Mas, as tuas, já são tão attrahentes,
Que enganariam providas saúvas!

Eu, cá por mim, nem sei como isto me anda...
Anda-me á roda a phantasia louca,
Quando te entro a artistica *quitanda!*

E queres que t'o diga? — E' cousa pouca:
Em lhes sentindo o cheiro que tresanda...
Como a raposa, sinto agua na bocca!

Rio, 1.º de Agosto de 1887.

# MOYSÉS

*Representação esthetica da Theocracia hebraica condensando toda a theocracia antiga segundo Miguelangelo*

A SEU DISCIPULO ESPIRITUAL ALMEIDA REIS

*"Parla, diavolo!"*

Buonaroti, a scismar, tinha curvado a fronte,
Como um deus, a engendrar no pensamento um mundo,
Onde achar a expressão d'aquelle olhar profundo
Que dera leis a um povo e agua dera a um monte?

Onde o marmore austero e eril cinzel que o [fronte?
Onde a linha e o contorno e o movimento e o fundo
Sulco de dor que assombra e o gesto audaz, fecunda,
Que abrira á Humanidade intermino horizonte?

Buonaroti, a scismar, quedara-se impotente.
Porém o ceu se obumbra, estala o raio, ingente
Bloco vem do Sinai rolar junto a seus pés...

Subito acorda, empolga um fulmer á passagem
E qual Jehovah fizera Adão á sua imagem,
Poz-se a talhar na rocha a estatua de Moysés.

Rio, 96 (1884).

## A DANSA MACABRA

*Lienzo a oleo do exotico pintor Salvador Oiniegra, na 4.ª exposição de Pintura Hespanhola organisada por J. Pinelo na Escola Nacional de Bellas Artes.*

(INSPIRADO NO SPARTITO DE SAINT-SAËNS)

A ardente luz de erecto lampadario
Que enfaira aberto Stanway que o entalha,
Fronte occulta na mão Saint-Saëns trabalha...
Medita... e vai compondo, visionario...

No sombriado ambiente funerario
Que, em facho, rubra luz salpica e orvalha,
Segura ao hombro, a Morte violinalha,
Doida, a "Macabra"... — e dansa todo o ossuario!

Dansa... E cuida-se ouvir, entre destroços,
Ranger de dentes, chocalhar de ossos,
Quando cada esqueleto se desloca...

Quanto ha de horrido e tetrica loucura
Nessa albacadabrante partitura
Em que a tibia de Orpheo Saint-Saëns emboca.

## MORTE DE CERVANTES

*Impressão do lienzo a oleo*
*Ultima obra prima do insigne pintor*

EDUARDO CANO

*na 4.ª Exposição de Pintura Hespanhola organisada por José Pinelo na Escola Nacional de Bellas Artes.*

Don Miguel de Cervantes Saavedra,
No seu lendario heróe transfigurado
Vai morrer... E, em seu leito reclinado
Lembra uma estatua iconica de pedra.

Já sentindo que a vida lhe não medra,
Firma o seu testamento ou algum dictado
De um frade e religiosa ladeado.
— Prole que o chora e um Christo que o paredra.

Escreve, em mãos de Alguem que o observa attento,
No triste in-folio arguto olhar fixado...
No meio de geral desolamento.

E, nesse olhar, profundo e concentrado,
Que parece reter-lhe o pensamento...
— Don Quixote — immortal! — se vê gravado!

## BRASILIENSIS PALMARUM ORDO

A Herculano Ramos, architecto, decoratista, e João Ludovico Maria Berna, Professor de Architectura da Escola Nacional das Bellas Artes. Em memoria dos Grandes Architectos Brasileiros: Ferro Cardoso, que, tendo construido dois boulevards em Gand, ideou, desenhou e projectou a rotonda da basilica da Candelaria; Heitor de Cordovil, que imaginou, desenhou e planejou, em concurso, para a ex-Avenida Central em construcção, edificios de tectos ajardinados; e José de Magalhães, que, possuindo uma concepção positivista de sua arte, formada em Paris, não teve tempo nem ensejo de realisal-a no Brasil.

*'Nullus dies sine linea"*

— INGRES —

*"Progrediendum modificabitur Ordo"* —

GENERINO.

Modernos architectos brasileiros,
Que evoluis, com vossa arte, a de Bramante,
Desde o dolmen aos gothicos "mosteiros",
Desde a caverna ao "arranha-céo" montante;

Vós, que sois da "Arte-Industria" os pioneiros,
Por que volveis olhar retrospectante
Ao luzo estylo colonial? — Radiante,
Tendes o "Manuelino", entre os primeiros.

Substituir-lhe é só, da cannelura
Ao fuste e ao capitel, outra columna,
Creando, assim, uma "Ordem Brasileira".

E, como somos luzos de natura,
Proponho seja a — que mais se coaduna —
Do Rei-João-sexto Imperial Palmeira.

Rio, 927.

## A UM BRONZE

Olympico metal! Metal eterno!
Bronze! pois que moldaste a imagem delle,
João Caetano tu és! E's bem aquelle
Que do genio abrasára o fogo interno!

Mundo ideal de amor, cruel inferno
Das paixões mais crueis, que a alma atropelle:
— Drama ou tragedia — és tu! és tudo! és elle,
Que se offerece ao nosso culto externo!

Agora, sim! Nobre metal divino?
Envolucro de artista peregrino,
E's mais que um bronze; és pagina da Historia

Tu viverás por toda a eternidade!
Bronze, tu chamas — Immortalidade,
Porque és corpo, cuja alma é a sua gloria!

## INTIME GESCHICHIE...

(*Esculptura do riso, copia do gesso*)

A Eduardo Hoerhann

Sobre um banco de pedra estão sentados
Dois garotos, em intima postura,
Concertando, talvez, certa aventura
Em que estivessem ambos empenhados.

E, maliciosamente illuminados
Os rostos, que um sorriso transfigura,
— Bocca que chilra... ouvido que se apura...
Um sopra ao outro intuitos reservados.

E o outro, a rir tambem, n'um doce enleio,
Complacente, ouve, envolta em perdigotos,
A confidencia, olhar cerrado a meio...

São casos e cochichos de garotos
Que os fazem rir... Deixál-os, sem receio!
Mas que dois cabreirissimos marotos...

## ANTE UM RETRATO DE JOÃO FERNANDES VIEIRA

E' bem Vieira! Que soberbo esguardo!
O portuguez de lei, o grã-soldado
Que nos cobrio de glorias no passado:
— *Sans peur et sans reproche* — outro Bayardo.

Parece que o estou vendo — e em chammas ardo
De Patrio amor! — brandir o ensanguentado
Facho com que houvera incendiado,
Com seus cannaviaes, mais de um bastardo!

Se ainda hoje surgira — são e salvo
Ah! como não corára ao ver os fructos
Do exemplo que nos dera em Porto Calvo!

Elle salvára a Patria, tendo-a amado:
E onde estão, Pernambuco, os teus reductos?
Teus heróes, nobilissimo soldado?

(1890).

## SOBRE UM RETRATO DE ALEXANDRE HERCULANO

Não sei porque, mas te amo — affinidades
Electivas, talvez — só quanto á vida;
Que, quanto ao mais, ó aguia enaltecida,
Não tenho tão sopradas veleidades.

Pois resumes quanto ha, nestas idades,
De integro em tua raça envilecida:
— Desde o genio, que creia, á enternecida
Alma, que o inspira, isenta de vaidades.

E tudo isto aqui 'stá nos duros traços
Do teu nobre perfil, que impõe á gente
E a Baucis dulcifica nos seus braços,

Quando lhe dizes todos os arroubos
Do "Monge de Cister n' "Harpa do Crente",
Solitario immortal de Val de Lobos.

## ANTE UM RETRATO DE OFFENBACH

Maestrino immortal, cuja silhueta
Me lembra o adunco passaro grasina
De Pöe, a quem a *verve* peregrina
De Gavarni puzesse uma careta...

Nas minhas horas de saudoso estheta,
Resurges de uma "flauta" crystalina
De Clicquot, a trautear mofina
E esfusiante *charge* de opereta.

Com teu sarcasmo de judêo gafado
Intoxicaste a musica do riso,
Pondo-a na voz de lubricas sereias...

E todo o mundo antigo, êrmo e indeciso,
Esbateo-se em sabath sobre o tablado!
— Tinhas Voltaire e Rabelais nas veias...

Rio.

## SORRISO FUGITIVO...

*Ao de "Gioconda", de volta ao "Louvre"*

Si, além da eternidade, Anjo celeste,
Se podesse encontrar um paraizo,
Teria a luz do sol n'esses teus olhos
E a aurora do amor no teu sorriso!

DR. BARROS VOLCÃO.

Sorriso eterno ! Almo e immortal sorriso
Que o genio de Leonardo surprendeu,
Quanto de Mona Lisa o austero viso,
A um seu gracioso ardil, se desprendeu!

Sorriso, contrafeito e algo indeciso,
Que Elle creou na téla — e toda a encheu —
Como o Sol, que uma nuvem converteu,
Sobre o Planeta Humano, em Paraizo!

Que, a Terra emprindo, irradiou no Espaço...
E perlustrando vai o Tempo escasso!
— Não pôde o "Louvre" têl-o prisioneiro:

Transpoz Paris; foi-se obumbrar na Italia;
E, ora que volve á lacrymosa Gallia,
Rejubila, ao revêl-o, o Mundo inteiro!

Morro da Gloria — Rio, 15-XII-913.

## JARRA BEETHOVEN

(*Arte ceramica — symbolica impressão pessoal*)

A Bordallo Pinheiro

Symphonia... a kaolim! — Cytherea fórma
Lapislazulea, em suave movimento,
Ellipsoidando a etrusco pensamento,
Que n'um hymno a Beethoven se transforma!

Como em onda a estoirar, se olvida, attento,
Na baze, o Tempo, que o consagra, e forma
— Com u'aguia — o genio — e a Fama — alada norma
Do consenso — e seu busto — um monumento!

E então, no vivo esmalte que a Harmonia
Põe no azul — fina flor de fructo inconho —
D'uma sonata philtra a Melodia

Em quartteto, ora alegre... ora tristonho...
— Pygmalião que anima a argilla fria:
Deus fez o homem? — Tu fizeste um sonho!

1892

## AS SYLPHIDES

*Revèrie — lyrico-choreographica de M. Fokine*

MUSICA DE CHOPIN

1.º

Leves, na tenue bruma luminosa
Ambiente, em canto oriental de fadas,
Plumas visões, rythmicamente aladas,
Sylphides bailam... Musica maviosa!

E, em cadencias e "poses" variadas,
Perpassam n'uma ronda vaporosa,
Ora triste, ora alegre, ora ruidosa,
Voluptuosamente arrebatadas.

Brancas papilonaceas iriantes,
Revoluteiam curvas delirantes
Com todo corpo, á acusmata pagan

Que da orchestra, symphonica, se evola...
E, avelludadamente, desenrola
Em mazurkas e valsas de Chopin!

2.º

Como de estado em mutações constantes,
Segundo a equivalencia dos valores,
Todos os sons mudam-se em forma e cores,
E: em todos as formas bailam corybantes.

E, ao rythmo de accordes concertantes,
Corypheos, por choreas d'alvas flores
Vão retraçando, em seduções de amores,
Moto-chromo-sonías delirantes.

Cada som tem sua forma e a forma um gesto...
Cada gesto, expressão, trahindo um esto
D'alma, do olhar e a bocca á extremidade

Do corpo, que resvala e arachnidéa...
Tudo dansa e falla e canta: — em, symphonia
Som, luz, côr, forma e idealidade.

3.º

E que encanto, Chopin, ver-te um "Nocturno"
Cantar, dansando em ronda fugitiva,
N'uma allucinação que, de auditiva,
Visual se tornasse, por seu turno.

E, qual por entre annéis, baila Saturno,
Sentir que se deslisa, airosa e viva,
Uma mazurka estatica e a impulsiva
Valsa, em que retournelas, taciturno!

Tudo, por via lactea d'alvos lirios,
Fluctuando em prismaticos delirios
D'electro-luz cambiante em seda crua...

Sonho de fadas, sonho dos amores,
Em que a hypnose do som, da luz, das cores,
Nos deixa n'alma... alma visão, mas... núa!

4.º

E' que, Chopin, si todo esse amavio
Que philtra tua musica enervada...
— Ancia de amar, eterna e desvairada...
— Insoffrido desejo doentio...

— Quanto tu'alma slava e torturada
Padece e torna o teu humor sombrio...
Se podesse encarnar n'um tresvairo,
Seria essa a fórma idealisada.

— Sonho, por onde adeje fluctuante,
Ao ton de tua musica empolgante,
Todo o hellenico e eterno feminismo!

Tal deveu ser a imagem capitosa
Que tiveste ao compôl-a e ouvir, maviosa,
A voz da Malibran, Chopin divino!

## OFFERTORIO

*Ao inolvidavel e intransigente estheta Arthur de Oliveira*

Mestre Arthur de Oliveira, os teus esgares
Já não mais são que "caturrice" van...
N'uma nesga primatica de luares,
— Não tremas, não! — Eu vi dansar Chopin!

Theatro Municipal, 31-X-913.

# CLEÓPATRA

Drama choreographico em 1 acto

*Extrahido de "Uma Noite de Cleopatra" de Th. Gauthier*

Ensenação, grupos e dansas de M. Fokine

Musica de Arenski, Tanéieff, Korsakow e Glazounov.

Ta-hor: Karsavina; Cleopatra: Tchernicheva; Amoun: A. Bolm.

Preludio e Bacchanal. Como si um mytho,
Heraldico cortejo o templo invade,
Em palanquim trazendo a real beldade
Que ao mundo antigo arrebatara o grito.

Com Ta-hor e Amoun, n'uma ebriedade
D'amor, a bacchanal toca ao infinito...
E Cleopatra se enoja, em soledade,
N'um throno, tendo aos pés seu favorito.

Mas eis que, ao vêl-a, Amoun, louco de amores,
Lhe dardeja um farpão com seus ardores...
Prêso, lhe diz que, amal-a, é o seu delicto!

Ella o contempla... e rende-se-lhe ao desejo...
Amam-se... e dá-lhe a morte após um beijo...
— Tão longo e ardente, que inda escalda o Egypto!

Theatro Municipal — Rio, 30-X-913.

## SCHEHERASADE

*Drama choreographico em 1 acto de Bafst e Fokine*

MUSICA DE RIMSKI-KORSAKOW

Tilintam guizos, ruflam panderetas
Exotica musica o ar oxigena...
— Um ar de feira que a braganha aliena!
E rompe a zingaresca em pernetas.

N'um theatrinho, onde se "mimam" petas,
Tragi-comedia se desnuda em scena...
E tudo dansa á aguda cantilena
Da zingaresca, em "poses" para esthetas.

Dansa tudo em sonoras casquinadas
De riso, em revolutas floreadas
De carnação plasticamente fresca...

E toda aquella anatomia falla...
Toda aquella esthesia uiva e acicala...
— Dansando — alma Afrodita — a zingaresca!

Theatro Municipal — Rio X-913.

## O DEUS AZUL

*Bailado de Cocteau e Madrazo*

MUSICA DE REINALDO HANN

Era uma vez um Deus — que importa a côr? —
[azul,
Um deus corybantino, um luminoso deus.
— Um deus deve ser luz e, como luz, taful
Para que — Deus e azul — possa azular os céos.

Pois o deus era azul, grandes meninos meus,
E o que Elle fez, não sei... O Graal ou o Rei de Thul.
Surgisse de uma flor ou d'uma chama exul,
Não vos direi — é vêl-o! — a vós que sois atheus...

Mas esse Deus dansava — e tudo em derredor —
Como, na chamma azul d'um punch, Belfulgor,
Hoffmannico Cynabrio — o homunculo taful...

Tinha a musica — uns sons de flauta — azulea côr
Era azul o scenario e o ambiente encantador
— Tudo azul, como a luz, e esta impressão azul.

Theatro Municipal — Rio, X-913.

## MARCHA E DANSAS POLACAS DO "PRINCE IGOR"

*Decoração e costumes de Roeirich; Musica de Borodine; Dansas e arreglos de Fokine.*

Lusco-fusco estellar no acampamento
Do "Prince Igor". Dansam moças e guerreiros
Charivari de bombos e pandeiros,
Num rythmo bizarro e violento.

Dão repasto aos instinctos carniceiros
Que a paz armada abranda por momento.
Em peleja em que amor nunca é cruento...
— Pois só dansam — não matam prisioneiros

Mas dansam, obsedados da carnagem,
Com frenezi — qual si á auditiva imagem
Da guerra — sempre e cada vez maior...

Até que, estremados de fadiga,
Corre o velario a luz da aurora amiga
Sobre as tendas marciaes do "Prince Igor"!

Theatro Municipal — Rio, 19-X-913.

## THAMAR

*Drama choreographico em 1 acto de Bakst*

MUSICA DE M. BALAKIREW

Thamar é a Cleopatra Georgiana.
— Menos: Egypto, Amoun e taça impia;
Mais: queda d'agua, Principe e Georgia:
— Uma nymphomaniaca tyranna.

Houve quem n'ella visse a Coppeana
Sylvia; e, n'elle, "o que passando ia"...
Pois, quem n'o disse, disse uma heresia...
— Mais pura é a cortezan; bem mais humana.

Borborinha uma acusmata divina
Em que o naipe das cordas predomina
E rythima o bailado de Thamar.

Chega o Principe... E se repete a scena
Em que Cleô beija a Amoun e o envenena...
— Pois Thamar variou: — manda-o afogar!

Theatro Municipal — Rio, 19-X-913.

## O LAGO DOS CYSNES

Era, uma feita, um Principe presago...
— Com Fadas não vai mal um Principado —
Que andava á caça. E vio, dentro de um lago,
Tres cysnes, o mais bello, corôado.

Quiz possuil-o a tiro... E, com affago,
Busca attrahil-o! — O cysne era encantado
Como o lago. E vio que, aos tres, um Mago
Em tres Fadas havia desmagado.

Era a corôada real Princeza
Que a fascina com magica belleza
E promette só dar sua mão de Fada

Ao constante donzel que cysne a queira...
— Submette-se o Principe á prova arteira
E... eil-a outra vez em cysne transformada.

Theatro Municipal — Rio, X-913.

## CARNAVAL

*Pantomima-bailado de M. Fokine*

MUSICA DE ROBERTO SCHUMANN

Tintamarrando, a orchestra preludia.
E vai, borborinhando, n'um crescendo,
Até que estoira n'um tam-tam tremendo
De estrepitosa e vã pancadaria.

E eis que o nariz, ao fundo, vem rompendo,
De Pierrot que Colombina espia...
— Vendo-a a arlequim fugir, que a perseguia,
E, prostrando-o, a quem ia cedendo...

Em torno, alegres pares enlaçados
Deslisam, doidamente arrebatados
Em delirios de amor e de folia...

Jaz, afinal, vencida Colombina...
E o Carnaval, de Schumann, que o assassina,
Vê de Pierrot a ultima agonia.

Theatro Municipal — Rio, X-913.

## O PAVILHÃO DE ARMIDA

Num pavilhão, que lembra o de uma Fada,
Engastado em féerico jardim
Onde fulgem thesouro de Aladim,
Da sua côrte Armida está cercada.

Reina choreographico festim.
Eis chega um Cavalheiro... Apaixonada
Queda-se Armida... E, em valsa delicada,
Lhe rende o coração, rendendo-o, emfim...

Acorre El-Rei, seu pai, que já antegosa
A dita de cedêl-a por esposa
A quem galantemente a quer assim...

Bailam todos o real contentamento:
Tudo vai acabar em casamento...
— E d'Armida, a bailar, noiva o jardim!

Theatro Municipal — Rio, X-913.

# O ESPECTRO DA ROSA...

*Quadro Mimo-chromo-choreographico de Vaudoyer*

Poema de Theophile Gauthier — Musica de Weber

Instrumentada por Berlioz.

A Moça, KARSAVINA — NIJINSKY, a rosa

Vem do baile, cançada de dansar.
E, da poltrona adormecida em meio,
Olente rosa, que lhe ornara o seio
Se transforma n'um genio!... E ella... a sonhar?

Sonha, talvez, com o amoroso par
Que a estreitou, contra o peito, em doido anceio...
E o Genio... doidamente a esvoaçar,
Numa nesga de luz que bate em cheio...

E, esvoaçando, acerca-se-lhe do ouvido.
Mima-lhe algo... que fôra um sustenido!
E eil-os girando os dois — como um crysol...

Ella volve á poltrona estenuada...
Elle beija-lhe a fronte... E, despertada,
Não vio ninguem... Beijava-a a luz do sol!

Theatro Municipal — Rio, 12-X-913.

# A SÉSTA DE UM FAUNO

*Para o Sr. Roberto Gomes incluir na sua "Pequena Fantasia" destinada ao Theatro Municipal.*

"On devrait danser l' "Après Midi d'un Faune" au milieu d'une paysage avec des arbres en zinc..."

STÉPHANE MALLARMÉ.

Preludio — Debussy. Zinco-scenographia
A Mallarmé: um bosque. E, no bosque, escarpado
Onde, tangendo a avena, um Fauno está deitado.
— Tange a avena e suspira... A scena está vasia.

E eis que, alterno o pé, n'uma coreographia
Alada, uma após outra, em sensual bailado,
Deslisam Nymphas ante o Fauno incendiado
Que, a sorrelfa, se atira... á Nympha fugidia.

E então, Nympha após Nympha, a rir, negaceando,
Todas passam por elle, ironicas, dansando...
Uma, porém, lhe deixa aos pés facha que a vela

Ergue-a o Fauno da alfombra, aspira-lhe o per-
[fume...
Sobe á escarpa onde dorme e — como de costume —
Estendendo-a no chão, — poz-se a sonhar com ella...

Theatro Municipal — Rio, 29-X-913.

## SALOMÉ'

*Ultimo bailado de uma tragi-pantomima musical-choreographica.*

Poema de Humières — Musica de Schmidt — Dansas de Soudeikine.

Salomé — KARSAVINA

No alto poste a cabeça degolada
Do Baptista, que a Herodes conquistara
Dansando, Salomé, que já não para,
Como um pavão real gravita a escada.

Despojam-n'a do manto que rolara
Negros e algozes logo e, endiabrada,
Rompe a macabra dansa obsedada
A' que se eternamente condenara.

Não tem na côr, no olhar, no gesto e porte,
Vampiro, em satyriases de gozo,
Salamandra, que a arder dardeja morte.

O ferro tarantismo voluptuoso
D'essa eterna Loe-Fuller cuja sorte
E' dansar seu remorso capitoso!

Theatro Municipal — Rio, 31-X-913.

## O BAILADO DAS HORAS

(Ponchielli-Gioconda, acto 3.º)

*Impressão-Mancinelli*

Como na treva bailam serpentinas
A' electro-luz reflexa em seda crua,
Gamma espectral cambiante que fluctúa,
As Horas vem bailando, peregrinas.

Trazem rosas no seio as matutinas
Horas de amor que o claro sol gradúa
— Alterno pé, vem uma... outra recúa...
Goivos na fronte, as horas vespertinas.

Horas suaves de amor e de ventura,
Como tão cedo e céleres passais,
Cedendo o passo ás Horas da amargura!

Vós não mais sois que sombras espetráes
Dansando sobre aberta sepultura...
— Que as Horas que se vão... não voltam mais!

## MADAME

C'est à vous, l'enfant-gâté de nos jeunes gens èslettres, aussi bien que la géniale et charmante amie du Brésil — cet espirituel pays si peu connu et toujours si colomnié à l'étranger, que nous sommes redevables du bonheur d'avoir applaudi chez nous l'incomparable Darclée.

Soyez donc plus gentile encor, bien voulant prêter tous les charmes de votre caressante voix au sonnet ci'joint, que j'ai — si bien que mal rimé, pour lui temoigner, se soir, tous nos hommages de reconnaissante admiration.

"Le Rossignol de Gounod" aura, dès lors, l'extraordinaire mérite d'avoir passé parmi les lèvres inspirés de la plus expressive diseuse qu'on aye jamais entendu; — outre le sincère enthusiasme, dont il est, de l'une et de l'autre,

très humble admirateur,

Un monsieur du parterre.

Rio, 26 Septembre, 1902.

## LE ROSSIGNOL DE GOUNOD

(Légende Roumaïque)

A' Madame Hariclée Darclée,

La nuit de sa fête avec "Il Guarany".

Jadis un rossignol, qui chantait doucement
L'amour au beau soleil, s'enfuit de sa clairière;
Et, dans ta bouche, éclose en fleur printanière,
Ivre — mort de parfum, fit son nid en chantant.

Et chantait, nuit et jour, si bien qu'à sa volière,
Dune voix perlée d'or, l'amour, son doux tourment...
Et sa voix gazouillait, cascadée aisément,
Comme l'eau qui ruisselle au fond d'une rivière.

Mais un jour, dans son rêve ayant songé la gloire,
Avec Foi prend son vol et fait la trajectoire
Des étoiles qui vont vers le soleil... c'est beau!

Et devient, bel oiseau, oiseau-mouche d'Orphée...
Et s'en va... et revient... mais c'est toujours Darclée:
— Le rossignol sacré du baiser de Gounod.

## ENVOI

A' Toi,, voix d'or, donce abeille
Qui bourdonne à mon oreille,
Mon sonnet remonte à Toi!
— Excuse, Dame Darclée,
S'il n'en donne pas l'idée,
Mais l'écho tout plein d'émoi.

Rio, le 26 de Septembre, 1902.

Un monsieur du parterre.

## SONATA DE KREÜTZER

DERNIER SOVENIR DE MME. H. DARCLÉE

As vezes, na mudez da noite constellada,
Quando a andorinha da alma embala-se pousada
Na mareta ideal de um languido scismar
Que, em continuo vai-vem, rebenta como o mar,
Seguindo intimamente o esquife immorredoiro
De um sonho que se esbate em plenilunio d'oiro
E vai perder-se além, na linha visual
Do horizonte, a fundir-se em prismas de crystal...
Doce allucinação do ouvido, errante, do alto,
Ouve-se attentamente uma voz de contralto
Que canta, larga e intensa, em fundo — la menor —
As tristezas da vida e as angustias do amor.
— Não do amor que suspira e chora por um leito...
Mas que faz estalar o coração no peito,
Como um crystal de rocha á alta pressão de um gaz
Que se enflamma e evapora — ou, então, se liquifaz
Em lavas de amargura, em philtros de saudade,
Que amavia e envenena a vida á eternidade!

Não amor com que amou Petrarcha a de Novis,
A Freira Portugueza ou Dante á Beatriz;
Mas amor de Heloisa ao reprobo Abelardo
E que divinisou — a ella e a São Bernardo:
Amor que a dor de amar em fé crystalisou
E fez religião — qual de Comte e de Vaux.
— E essa voz ideal — canto gregoriano —
Em fermatas de angustia, em suspensões de dor,
Em fugas que gottejam lagrimas de amor...
Depois de haver pungido o ambiente emocionado
De tão fundo penar de um coração magoado
Vai pouco e pouco... ao longe... ao longe... a so-
[luçar...
Morrendo lenta e lenta... até não mais soar!
— Então... rebenta o pranto. E a alma, despertada,
Recorda-se de Ti, na noite constellada.

28-11-903.

## OUVINDO SAINT-SAËNS

1.º Concerto — Musica de Camera

Trio (d'après le Septuor) — Caprice sur les airs du ballet d'Alceste, de Gluck — Sonata (piano e violoncelle) — Quatuor (en si bemol) — Valses: Nonchalante, Mignonne, Canariole — Sonata (piano et violon) — Variations sur un thème de Beethoven (2 pianos).

Ao Immortal Maestro e Virtuosi

Onde... não sei, mas cuido ter ouvido
Esta "Sonata" ou suave murmurio —
Que infiltra n'alma extatico amavio
E a hypnotisa, acariciando o ouvido

Foi... — talvez! — em solar, êrmo e esquecido,
Que este "quarteto" e aquelle enorme trio
A Sarazate ouvi, ora com brio,
Ora abafando o som como um gemido.

Ria e chorava, então, múrmur violino...
Plangia um violoncello angustioso...
Discreto piano harpeava peregrino...

Talvez... foi sonho, um sonho delicioso!
Mas, agora, desperto... inda me inclino
A crer que elle não era mentiroso!

Rio, 93.

## OUVINDO SAINT-SAËNS

2.º Concerto — Orchestracordio — Musica symphonica. Marche Heroique — Prelude du Déluge — Phaeton — Symphonie (la mineur) — Rapsodie Bretonne — Ballet de Henry VIII.

Ao Immortal Maestro e Virtuosi

Si nunca ouviste o mágico instrumento
Que quanto instrumento existe em si condensa,
Escuta e pasma ! — Ali, alma que pensa
Exprime todo humano sentimento.

Azas d'aguia ruflando, ao firmamento,
Em "Marcha Heroica" — heroico alardo! — appensa
Um astro... ou rue em catarata intensa
Ou rola do sol o carro ao abrasamento.

Mas como, finda a estridula tormenta,
Empluma a calma as azas da esperança
A "Symphonia em la menor" rebenta,

Como um collar de perolas... que, á Dansa
De Gipsy e o idyllio, a "Giga" — o amor — nos tenta
Acolher, como a luz a uma creança...

Rio, 93.

## LA DAMNATION DE FAUST

*Reminiscencia auditiva de Berlioz.*

*"Chaqu'un a son petit Faust".*
GEORGE SAND.

Lendario Fausto! O amor que se resume
N'ancia de amar o amante objecto amado,
— Pela carne inda em flor, mas sem peccado;
E, pela alma em botão, mas sem ciume —

E' como agreste fructa delicado
Cuja doçura ou exotico perfume
Só se gusta uma vez — mas, de costume,
Nem temporão e nem já mui passado.

Nos vem do coração — jámais da sciencia,
Que, se aclara a razão, o tem mirrado
Ou lhe melhora apenas a existencia.

Cedo ou tarde — é fatal! — será gustado:
— Feliz quem n'o lograr na adolescencia;
Quem, como tu, já velho... é condemnado!

113 — 901.

## OUVINDO "DAMNAZIONE DE FAUST"

Lenda musical em 5 actos de Berlioz pela Companhia e orchestra Marinuzzi do Theatro Costanzi, de Roma.

"Enganei-me; sou um vencido! Mesmo que visse á minha frente toda a minha musica como uma fogueira a que ateassem fogo, não faria um unico gesto"...

BERLIOZ em dia de desalento.

A mocidade, Fausto, é capitosa
Flor que, para a vida, abre a corolla,
Donde, a um raio solar do amor, se evola
Gotta de essencia oriental de rosa.

Mas, si vegeta á sombra descuidosa
E um raio d'esse amor a não consola,
Mofina flor de estufa se estiola...
— E nunca mais é flor: morre inditosa.

Ruflem asas de amor visões de poeta...
Venus pagães, em tentações de asceta,
Maguem todos os philtros infernaes...

Pode a perdida flor da mocidade
Reviver no luar d'uma saudade...
Mas o evolado olor... não volve mais!

Theatro Municipal — Rio, 24-IX-913.

## O SONHO DE MARGARIDA

(*Damnation de Faust — Ballet Berlioz*)

CARTÃO DE DESPEDIDA A ALFREDO BASTOS

Estava Margarida reclinada
No seu leito, dormindo um somno brando...
— E brandos sonhos, voando e revoando,
Perpassavam-lhe a mente enamorada.

Sonhar ouvir a voz apaixonada
Do donzel que ella vira e a vio rezando...
— E tentadores trasgos, revoando,
Vinham turbar-lhe a mente afogueada.

Já beija-lhe a fronte envergonhada
Quando, á voz de Mephisto, uivando,
Foram-se os sonhos... vio-se despertada!

Amava: era feliz ou desgraçada?
E rindo, e obliquamente revoando,
Bailavam sylphos no ar da madrugada.

Theatro Municipal, 2-10-904.

## MEU CARO ALFREDO

Recommendações a todos da familia.

E' portador desta o Esmeraldino Bandeira que para ahi segue e lhe dirá de viva voz o que de mais interessante vai occorrendo a meu respeito.

Já de posse da sua encommenda, mais uma vez lhe agradeço a solicitude que poz em bem cumpril-a, e outro sim, a pontualidade com que, a 2 do corrente, se desempenhou da incumbencia, que lhe fiz, de visitar em seu nome a D. Joaquintinha.

Aguardo agora que V. me remetta as outras cousas, que me prometteu n'uma de suas cartas, para, mais de espaço, lhe escrever sobre o nosso saudoso Yôyô, que bem merecia as referencias e os funeraes que teve. — Já é uma consolação para a grande dor que nos lancina.

E, para concluir, respondendo a uma pergunta, que V. fez em carta dirigida ao Flavio, somente a dizer-lhe que em fins de Março ou começos de Abril — com a volta da primavera, em summa, pretendo realisar á minha adiada viagem a Europa, da qual mais opportuna e detalhadamente lhe fallara o

GENERINO.

## "SOUVENIR" ET "SAÜDADE"

A Franz von Vecsey,

partant pour St. Paul.

Saudade! — Amer plaisir de malheureux,
Delicieuse ponction d'acerbe épine...

Garret — *Camoens.*

Parmi les fleurs que ton génie rhythime,
Celle que j'aime et celle que j'adore
C'est "Souvenir", plus douce et plus sonore
Que ton "Caprice" et ta "Chanson" sublime.

Car c'est ton cœur qu'y chante et se ranime
A' la lueur d'une lointaine aurore
Qui fait rêver... si vif et jeune encore!
— Et l'oublier serait peut-être un crime...

Ton "Souvenir"... Mais, c'est pour nous que pleure
Ton instrument précieux, qui tout-à-l'heure
Chantait "Napolitaine Sérénade"?

Si c'est pour nous, souvenons — nous ensemble.
— Car ton coeur bat sur notre coeur qui tremble...
Ayant pour toi ce mot à nous: Saudade!

Rio, Théâtre Municipal, le 14 Août 913.

## ECOUTANT VECSEY

*Dernier Concert-extra*: BEETHOVEN, *Concert* (Allegro, Larghetto, Rondo) *Cadences de* JOSEPH JOAKIM.

A' FRANZ VON VECSEY,

prenant congé, avant de partir pour Buenos-Aires.

Avec remerciments pour l'envoi et dédicace de son portrait.

*"Bendita sea tu madre!"*

REFRAIN DE DANSE ESPAGNOLE.

Qu'il est charmeur ton bel archet savant!
On aurait dit qu'il file, à chaque fibre
De ton violon, des sons en équilibre...
— Tel qu'il aurait, au bout, secret aimant!

De l'araignée à tes longs doigts tu vibres,
Dejà domptés, ses distendus serpents...
Et ton violon... voilà, tout-à-fait libre,
Que chante et pleure et trille doucement!

Et alors, du bout de ton archet qui file,
Ruisselle, en flot de pierrerie subtile,
Tout ton art musical, né à Berlim,

Où chante, empreint sur toi, le beau génie
De BEETHOVEN, errant dans l'euphonie
De ce "Concert", cadences de Joakim!

Théâtre Municipal, Rio.
Le soir du 30 Août 1913.

## À FERENC DE VECSEY

*Le génial violiniste tcheco-slovaque*

*Le soir de sa fête artistique au Théâtre Municipal de Rio de Janeiro.*

Une douce mélodie
Courait dans l'air lumineux

DANTE — *Paradis·*

Quand, toujours à l'action du sentiment,
Sous ton archet, ton violon s'enflamme,
Chantant les plus variés états de l'âme
Dans un consensuel raffinement,

Tous les échos de ton lyrique drame
Qui dort dans l'âme aussi de l'instrument,
S'accordent avec ton intime flamme.
— Et... voi-ci l'idéal enchantement!

Des ondes hertziennes, en berceuses,
Sonores, chromatiques, mysterieuses,
De tons doux, vers notre âme on sent rouler...

Et électrisent l'air ambiant qui sonne
De tel façon... que, enfin, ne sait personne
Quel âme, à toi ou à lui, vient de chanter!

Théâtre Municipal, le 16-XIII-920.

## A FERENC DE VECSEY

Quando, á impulsas de um vivo sentimento
Vibra, sob teu arco, o stradivarius
Interpretando almos estados varios
N'um intimo e integral consentimento,

Todos os grandes ecos solitarios
Adormecidos n'alma do instrumento,
Acordam teus estos solidarios...
— E começa o ideal encantamento!

Ondas, em catadupas sonorosas,
Hertzianas, chromaticas, mysteriosas,
De ambas para noss'alma vem rolando

E amaviam, symphonicas, o ambiente
De tal modo que, alfim, nem sabe a gente
Que alma, si delle ou a tua, está cantando!

## OUVINDO VECSEY

Mendelsshonn (Concerto em mi men.); Tartine (Trille du Diable); Sgambati (Serenata Napolitana); Schubert (Avé, Maria); F. von Vecsey (Caprice); Chopin (Nocturno, Mi b.); von Vecsey (Chanson Triste); Bazini (La Ronde des Lutins); Paganini (Le Streghe); e Vieuxtemps (Voix du Coeur).

A Francisco Pereira e Laura Silva

... Una melodia dolce
Correva per l'aer luminoso...

Dante — *Paradiso.*

N'um turbilhão frenetico de palmas,
Surges do ambito do teu Stradivario,
Como de um nimbo o espirito lendario
De Paganini, amaviando as almas.

E, emquanto, a dedilhar, seu braço empalmas,
Teu arco — esguio mago imaginario —
Da quarta corda, que se irrita e acalmas,
Vai decantando um philtro passionario.

E então... quanto a alma almeja ou scisma ou
[sente,
Mas não chega a dizer, ou diz somente
Pelo olhar, como um mudo, a mudas almas,

Vocalisa-te o animico violino,
Pondo em nossa alma um estase divino...
— E um turbilhão phantastico de palmas.

Theatro Municipal — Rio, 30-VII-913.

# OUVINDO VECSEY

## 2.º CONCERTO

Lalo (Symphonia Spañola) Corelli (La Folia — 1635); Sgambati (Serenata Napolitana); Viniawinsky (Souvenir de Moscow); Schubert (Avé, Maria); Sarazate (La Zingaresca-Ziegeunerweisen); Chopin (Nocturno Mi b.); Paganini (I Palpiti).

... Una melodia dolce
Correva per l'aer luminoso...

Dante — *Paradiso.*

Estupendo! Que Mago prestigioso
Encantou-se em teu arco peregrino,
Que, avelludadamente, o teu violino
Transforma em Concertina e Orgão mavioso!

A cada puro accorde crystalino
Que desprende o teu jogo portentoso,
Mil encantados mundos descortino
Na hypnose de um sonho delicioso!

Tudo, na tua technica assombrosa,
Passa como uma ronda vaporosa
De acusticas visões que vão morrendo...

E — Musetta a cantar de cotovia —
Teu Tetrachordio até plange e assovia
Na "Zingaresca"... Esplendido! Estupendo!

Rio, Theatro Municipal, 2-VIII-913.

## OUVINDO VECSEY

### 3.º CONCERTO

VIEUXTEMPS (Concert, Re min.); BACH (Chaconne, vil. solo); DVORAK (Houmoresque); MOSKOWISKI (Guitarre); HUBAY (Carmen, — phant.); SCHUMANN (Revèrie); CHOPIN (Nocturne, Ré b.); VECSEY (Minueto e Chanson Triste); PAGANINI (Variations); HUBAY (Allegretto); e VECSEY (Caprice).

... Una melodia dolce
Correva per l'aer luminoso...

DANTE — *Paradiso.*

Quem ouve, uma só vez, o teu violino
Anceia por ouvil-o eternamente;
Que, animando tu'arte transcendente,
Canta n'elle teu genio peregrino.

E sonoroso vinho turmalino,
Que, pelo ouvido, ascende lentamente,
Se condensa em suavissimo ambiente,
Pondo em noss'alma um extase divino.

Mixto ideal, que bem se não define,
De Vieuxtemps, Bach, Hubay e Paganini,
Que, com Chopin, te sagram Maestrino,

Nos enerva tão forte e docemente...
— Que, quem uma vez ouvio teu violino,
Se não farta de ouvil-o eternamente!

Rio, Theatro Municipal, 4-VIII-913.

# OUVINDO VECSEY

## 4.º CONCERTO

HUBAY (Concert. Op. 99); SAINT-SAËNS (Introduction et Rondo Capricioso); CHOPIN (Nocturno Mi b.); SGAMBATI (Serenata Napolitana); WIENIAWSKI (Faust Fantasia); VECSEY (Caprice); SCHUBERT (Avé Maria); PAGANINI (Campanella); VIEUXTEMPS (Voix du coeur); MOSKOWSKI (Guitarre); e (RONDINO).

... Una melodia dolce
Correva per l'aer luminoso...

DANTE — *Paradiso.*

Genio immortal que assombras com tu'arte,
Assombro d'arte ouvido com delirio!
— Tua cavata é ardente como Marte!
— Teu sentimento é doce como Syrio!

Tu'alma faz lembrar um lago illyrio
Onde singra — e com a nossa se bi-parte —
Ruflando as asas, branco como um lyrio,
O Cysne da harmonia, que se parte...

— Parte comtigo! — para traz deixando,
Com "Campanella", a pena — que é um martyrio! —
De nunca mais te ouvir, ou ouvir-te... quando?

Porque não ha quem, de te ouvir, se farte...
Genio immortal, que assombras com tu'arte!
Assombro d'arte ouvido com delirio!

Rio, Theatro Municipal, 7-VIII-913.

## OUVINDO VECSEY

5.º *Concerto* (matinée d'onore): BRUCH (Concerto); PAGANINI (Thème et variations); BACH (Adagio e Fuga, viol. solo); SIBILINS (Noturno, Fa min.); SPOHR (Adagio); VON VECSEY (Humoresque (bis), (Souvenir); VIENIAWSKI (Caprice Valse); SGAMBATI (Serenata Napolitana); SARASATE (Ziegennerweisen, — La Zingaresca); VON VECSEY (encore Souvenir); BAZZINI (La Ronde des Lutins); MOSKOWSKI (Guitare).

A FRANZ VON VECSEY

... Una melodia dolce
Correva per l'aer luminoso...

DANTE — *Paradiso.*

Onde foste aprender, com teu violino,
Essa expressiva e murmura linguagem
Que sonorisa cerebral imagem,
N'um florido estylo manuelino;

Em qualquer andamento, agil e fino,
Vencendo os accidentes da passagem
Com "savoir-faire" tão só kubeliquino,
Te impõe á delirante vassalagem?

Em Corelli, Vieuxtemps e Paganini?
— Nada mais tem Joakin que bem te ensine,
Ouvindo Bach e os actuaes rapsôdos!

E, agora que são mortos, solitario,
Reina, por todos, teu stradivario;
— Pois, sendo ultimo, és o maior de todos!

Rio, Theatro Municipal, 10-VIII-913.

## A JAN KUBELIK

LE GRAND VIOLONISTE DE BOHËME

*Souvenir de son anniversaire-concert á Rio.*

Quand tu joues, ton tétracorde,
Sous ton archet génial,
Si bien trille, á chaque accorde,
Que l'on dirait de crystal!

Voix humaine a toute corde!
Toute voix, un son labial!
— C'est un serpent qui se torde...
Et siffle un chant idéal!

Que fais-tu, Charmeur! pour rendre
Ton violon si doux, si tendre,
Comme un sourire d'enfant?

Peut-être, á son âme hautaine,
A passé l'extreme haleine
De la voix de Malibran!

Rio, Théâtre Municipal, le 6 Juillet 1910.

## OUVINDO KUBELIK

*Impressão auditiva do seu primeiro Concerto no Rio de Janeiro.*

Para o "Amatus" do Pereira e o "Guarlnerius" do Simões

Agora, na hypnose deliciosa
Que nos põe n'alma a onda da harmonia,
Ouve-se a voz, purissima e pastosa,
Do ultimo "Stradivarius", que extasia.

A "cavata" se arrasta dolorosa
Ou "estaca" em soluços de asthenia!
Depois, uma "chromatica" irradia
E transmuda-se em "fuga" deliciosa...

Ouve-se, então, Mendelssohn, Paganini,
E Sarasate, e Wagner Wilhelmini,
E Schubert ("Ave, Maria!" — o "lieder" chic...)

Mas, quando o "Carnaval Russo" esfusia,
Caracteristica, a intima agonia
De Wieniawski... eu ouço Kubelik!

Theatro Municipal, 29-VI-910.

## OUVINDO KUBELIK

*Impressão auditiva do seu segundo concerto no Rio de Janeiro.*

Para o "Amatus" do Pereira e o "Guarnerius" do Simões

Bach, ancestral Titão da "Fuga" e da "Harmonia",
Que engendraste — almo Pai — Beethoven e Chopin,
O "cálculo" applicando ás regras da euphonia...
E deste a um tetracorde a alma de Malibran!

"Romanze" em sol maior Beethoven psalmodia...
Ouvem-se "Introduction et Rondó" de Saint-Saens...
Do immortal Paganini o "Caprice" esfusia...
"Campanella" de Lizst lembra o "arrangement"...

Porém larga caudal de acusmatas, sem dique,
Que se vai despenhando, á genial magia
D'arco, d'alma immortal de um violino, e fique

A nos cantar ao ouvido em intima assonia...
Teu "Praeludium" — tão só! — subsiste em Kubelik,
Bach! Ancestral Titão da "Fuga" e da "Harmonia!

Rio, 2-VII-910.

## OUVINDO KUBELIK

*Impressão auditiva do seu terceiro concerto no Rio de Janeiro.*

Para o "Amatus" do Pereira e o "Guarnerius" do Simões

Kubelik! Em ti ha bem mais que um "virtuoso"!
Finda a "Sonata em ré menor" Saint-Saënsiana
E o Tschaikowsky, que poz, no ambiente luminoso
Da sala, uma impressão quasi Wagneriana,

Bem como um coração a murmurar queixoso
Saudades do Sol posto em ancia sobrehumana,
Ouvi "Le Chant du Soir", de Schumann, mysterioso,
Como o Sol, ir morrendo em nostalgia insana!

E Randengger se ouvio, onde a alma da Bohemia
Carpindo o seu fadario — alma d'outr'alma gemea —
Deslisa, alterno pé, por todo o teu violino...

Até que Paganini, emfim, "Que se não sente
Mais em seu coração", o rompe genialmente
N'uma floral de sons, de timbre crystalino!

Rio, 5-VII-910.

## OUVINDO KUBELIK

*Impressão auditiva do seu quarto concerto no Rio de Janeiro.*

Para o "Amatus" do Pereira e o "Guarnerius" do Simões

Não fôras tu bom zingaro — da raça
Que disfarça o punhal por entre flores —
Si não vingasses, com salero e graça,
N'um Lalo, d'outro os perfidos rigores!

E, do "Allegro" ao "Rondó", se te esvoaça
"Symphonia Espanhola" entre esplendores!
Depois, doideja Fausto os seus amores...
Indo ao "Andantino" de Saint-Saëns, que passa.

Mas si, em "Perpetuum Mobile", manejas
A "Cavata" onomatopaicamente...
Como em vai-vem de pérolas bracejas!

E, em se te ouvindo "I Pálpiti" se sente
Que, como "Ave do Paraizo" adejas,
Com Paganini, sobre o maldizente!

Rio, 8-VII-910.

## À PADEREWSKI

*Après avoir joué Chopin, Op.* 64 *n.º* 2

Dans l'air ambiant mental du siècle où nous vivons
Planent — secret fluide, idéal mais sensible —
— Monde encor inconnu mais pas incognoscible —
Des idées, des mots, des images, des sons.

C'est l'abstrait residu des civilisations
Classiques, à nos sens bornés inacessible,
Que le Génie — lui seul! nous peut rendre visible;
Car ses pressentiments sont tous des prévisions.

Mais, plus ce beau Génie est doublé d'un Artiste,
Plus ce monde abstrait s'objective et existe;
Car il vit tout en lui et lui revive en nous.

Tel, dès Bach à Chopin, la musique tedesque
Devient, au piano, Horsowski ou Paderewski.
— Et nous vivons Chopin: Chopin... c'est lui! c'est [vous!

Rio, Theatre Municipal, le 3-VIII-911.

## OUVINDO CHOPIN

(*Op. 24*)

Se ainda um pensamento angustiado
Do teu amor — miserrimo! — perdura...
Se inda te punge a alma a desventura
De um momento — siquer — m'o haver votado

Vingada estás; pois sou bem desgraçado...
Que uma outra me humilha e me tortura!
Ah! como dóe a dor do mal sem cura
De doidamente amar sem ser amado...

De amar como me amaste! Eu sinto-o agora,
— Agora é que conheço essa maldade
Que, inda em tu'alma, envenenando-a, chora.

Chora em meu coração, todo me invade,
Me faz triste e infeliz... perdão, Senhora!
Vingada estás; puniu-me amor: — piedade!

## OUVINDO CHOPIN

*Nocturno*

A's vezes, noite calma e silenciosa,
No azul espiritual que se debata
A lua-cheia singra, magestosa,
Como um cysne phantastico de prata.

Singra e corta a atmosphera luminosa
Da Terra, que em vapores se desata,
Deixando para trás, fluida e saudosa
Esteira que ao raio visual se me ata.

E, por ella, minh'alma scismadora
Segue, como a batel em serenata,
A fugace corrente enervadora

De um sonho, que em saudades se me esbata
E vá morrer no rosicler da aurora,
Como um cysne phantastico de prata.

## CHOPIN

*Impromptu*

Quanto mais te ouço ,ouvir-te mais, desejo,
Chopin, a harmoniosa melodia
Que num sonho, perfumas, de poesia,
A evolar-se do piano em plumeo adejo.

Ora, a caricia timida de um beijo;
Ora, uma ancia de amor; ora, a agonia
De um coração partido! — dir-se-hia
Que ella é o rythmo da dôr e do desejo.

E, então, não havia ambiente que inebria,
Delirante e saudosa nostalgia
De um mundo em que comtigo, a sós, me vejo.

— Mundo ideal que a solidão nos cria
E onde vivem a Musica e a Poesia:
— Quanto mais te ouço, ouvir-te mais, desejo.

## OUVINDO CHOPIN

(*Opera omnia*)

Musset do piano-forte que murmura
E chora e canta e ri ou geme anciando
Em suspiros e ais que vão penando
Maguas de um coração que amor tortura!

Faz lembrar sua voz, nitida e pura,
Semiramis que o espaço encurtando
Vai, num remigio apaixonado, brando ..
Poisar em flor que irmã se lhe afigura

E alma que, amando, á dor da vida, esteia,
Jungida a outr'alma, como fructo encontra
Vai-se embalando ao rythmo da tua

Adormece num extase risonho
E, se triste desperta... inda fluctua,
Como em fluido ideal, na luz... no sonho!

## MARCHA FUNEBRE

(OUVINDO CHOPIN)

Já cançado das penas desta vida,
Vou sepultal-a aqui neste Soneto.
Meu triste coração traja de preto...
Chora minh'alma... — E' a hora da partida.

Prantos!... — Não prantos mais na despedida!
O' meu primeiro amor... repouza quieto!
Sonhos de gloria... adeus! — Eu vos prometto
Que não mais sonharei na minha vida!

Illusões... que perdi, na mocidade...
Esperanças... trahidas, no futuro...
Transformai-vos na dor desta saudade!

E vou, sósinho, o passo mal seguro,
Assim levando á incerta eternidade
Tudo o que amei no meu passado obscuro!

Rio, 14-II-06.

## MARCHA FUNEBRE

(COM MUSICA DE CHOPIN)

Hoje é o dia dos Mortos — triste dia
Em que vai toda a gente, reflorida,
Da misera Necropole da Vida
A' Cidade da Morte, em romaria.

No entanto, êrmo de viva sympathia
A quem visite na feral jazida,
Quêdo-me ao pé d'esta arvore sombria...
E visito... minh'alma enlutecida.

Minh'alma... Ah! que necropole saudosa!
Quanto cadaver de illusão formosa!
Quanta esperança morta! Quanto... ai quanto

Sonho de amor e gloria e f'licidade!
Quanta dedicação! Quanta amisade,
Em ti repousa! — E me rebenta o pranto...

## NA MORTE DE UM HERÓE...

*Ouvindo a Symphonia Heroica de Beethoven*

Beethoven, quando te ouço a Symphonia
Heroica, sinto o *frisson* da tua gloria
Arrepiar-me a espinha, eivando a Historia
De não sei que fatidica asthenia.

Pois cuido ouvir o hymno da victoria
Da Liberdade Humana que inanir
O guante da mais ferrea tyrannia...
— Dedicada a um algoz de impia memoria.

Resgataste esse accesso de loucura,
Ao vêl-o — vil traidor — subir ao throno
Riscando-lhe o nome vão da partitura

Porém ficou-te essa surdez sem cura
Que um bombardeio de brutal entono
Te produziu, cavando a sepultura!

## OUVINDO BEETHOVEN

*Impressão Manen-Risler*

Tenho em minh'alma — espaço onde se movem
Sonoros mundos de intima harmonia
Que me embalam, cantando, a phantasia —
Trinta e duas sonatas de Beethoven.

Mas, si bem mais, por cordas, me commovem,
Entro a indagar, si a execução varia,
Das tradicções do Mestre que o comprovam,
Como Beethoven mesmo as tocaria.

E, ouvindo "Aurora", "Ao Luar", "Appassionata"
"Em la bemol", "Patetica" ou a "Sonata
A Kreutzer", sem mais duvida siquer,

Eu me abandono á introspecção abstracta
Da scisma, que em saudades se desata,
Depois que ouvi Manen e ouvi Risler.

# A MIECIO HORSZOWSKY

O CELEBRE PIANISTA DE ONZE ANNOS.

*Impressão esthetico-iconographica da sua "serata d'onore".*

1.º

... Una melodia dolce
Correva nel aer luminoso.

DANTE.

Hoje, o tambor acustico do "Lyrico"
Resoava um suave murmurio
De abelhas d'oiro ou sonoroso rio,
Onde, a morrer, cantasse um cysne illyrico.

Entrei. O olhar curioso a rir satyrico
Da sala para o absorto mulherio,
Afastando o cabello fugidio,
Fitava o piano um "geniosinho" lyrico.

E... como, a um morno luar de primavera,
Em laranjeira em flor, sabiá da mata
Cascadeia uma acusmata ou *preghiera*

N'um mavioso fluido eis se desata
Como um sonho, uma scisma, uma chimera,
De Beethoven dulcissima sonata!

2.º

Quelle âge as tu donc? — Celle du Génie:
— L'etermité dans un moment qui passe.

— GÉNER. — *Le sang de ma pensée.*

E... onze anos! — Bem mais? — Como se o Genio
— E Genio como Tu — tivesse idade!
Não condensasse em pezo a Humanidade
N'um cérebro syncrético e homogeneo!

Como si o puro e lúcido oxigenio
Que tens n'alma não fosse a "acuidade
Humana", a deslumbrar de idade em idade,
De sec'lo em sec'lo, ás vezes n'um milenio!

Como se cada accórde te não fosse
Eco da extincta Patria amargurada
Que soluça a cantar n'alma precoce!

Onze annos... e só! — Mas, trabalhada
Por cem annos de dor, nella inspirou-se
— E flue, si a vibras tu, doce e maguada!

3.º

Ulvaria de amor a fera bruta
Que pela grenha te sentisse a mão.

— JOÃO DE DEUS — *Campo de Flores.*

Houve um tempo em que Artista era somente
Aquelle que, estudando a vida inteira,
Conseguia, depois de tal canceira,
*Possuir* um instrumento inteiramente

Hoje, graças ao artistico ambiente
Em que surge e á scentelha verdadeira
Do genio que herdou dos pais, alviçareira
Creança submette-o sabiamente!

Exemplo — Tu, que a um monstro d'harmonia
E eril innervação — Steinway, dir-se-hia —
Fazes vibrar quanto em noss'alma existe!

Basta correr-lhe a candida mãosinha
Pela "alva grenha"... e eil-o que advinha
— Bach, Beethoven, Mendelssohn, Chopin, Lizst!

Rio, 14-X-06.

# A MIÉCE HORSZOWSKI

LE PETIT GRAND PIANISTE

Couronné par Arthur Napoleão, la nuit de sa fête.

> Qu'est-ce le Génie? La clairvoyance de ce qu'on ne vois pas. La faculté suprême d'étaler au grand jour ce que se cache au fond du coeur, de l'art et de la nature. — Qui ne l'a pas, ne le prendra jamais!
>
> — GÉNER — *Le sang de ma pensée.*

D'où viens-tu, Petit-Artiste,
Portant ton coeur sous ta main?
— Rubinstein fourré de Liszt!
— Liszt doublé de *Chopin!*

L'ivoire, à tes doigts magiques,
Est possédé d'un Lutin:
Y tonnent tous les classiques
Et gazouille, entre eux, *Chopin!*

*Virtuosité* si correcte
On ne vois que, bien plus loin,
Sous les doigts d'un Grand-Poète:
— Et ce Poète est — *Chopin!*

Tu nous viens de sa Patrie,
Chemin faisant pour l'airain:
— Ton nom, *Mièce,* est — *Génie!*
— Ton petit-nom est — *Chopin!*

Rio, le 23 Octobre 1906.

## À MIECE HORSZOWSKI

*Dans son dernier concert à Rio.*

Mièce! Il y dans ton Art
Quelque chose de savant,
Qui fait penser à Mozart
Et fait rêver à Chopin!

C'est ton gênie, encor enfant,
Qui, éclatant de ton regard,
Se plonge dans l'Océan
Qui vient de Back à César!

Et, quel enchanté trésor
De perles, reviens portant
Aux bouts de tes doigts, Divin!

On flotte dans rêves d'or...
Quelqu'un dirait: "C'est Mozart!"
Moi, je dis: "C'est Chopin!"

Rio, le 25 Octobre 1909.

## DANS LE DERNIER PORTRAIT DE MIÉCE HORSZOWSKI

*Le génial interpréte de Chopin.*

Mièce! En te voyant dompter, aux doigts magiques,
Ton "Steinway" — le sphinx aux douces voix d'argent,
Dans un eblouissement de rêves symphoniques,
On dirait que c'est toi... moi, je dis: "C'est Chopin!"

Rio, X-09.

## DANS LE RÊVE...

A Miècio Horszowski,

Souvenir de son dernier concert.

Ce-soir, quand tu jouais Chopin, un rêve d'or
M'a pris. Ton piano chantait, presque en berceuse,
(Opera trente quatre) une valse amoureuse,
Dont l'allure idéal me retentit encor.

Sa voix — papillon bleu — découpait, gracieuse,
L'air ambiant où régnait un silence de mort,
Pour retourner, au bout du chant, dans un transport
D'amour, à son refrain, sanglotant, malheureuse!

Et mon rêve d'amour — papillon qui sommeille
Dans mon coeur endormi — tout-à-coup se réveille...
Prend son vol, dans l'éther lumineux, vers le Nord!

Mais, déjà, doucement, cette voix qui soupire,
Dans un dernier sanglot, subitement expire...
— Et la valse est finie... Hélas! mon rêve est mort!

Rio, 25-X-09.

## FLEUR TARÉE

(Avarie héréditaire)

À son mèdecin, le docteur J. Novaes.

Connais-tu cette fleur, presque mi-close encor,
Dont l'exquis parfum, de sa bouche vermeille,
S'envole comme un rêve et la fais sans pareille,
Fleur de chair et d'amour, de luxe et de décor?

Si blanche que tu la vois, dans son frèle beau corps,
Dont l'énervation quelques fois la reveille
Dans un frisson ou cri de peur — jeune merveille! —
Elle a un petit ver, qu'au fond du coeur la mord...

C'est un ver ancestral, peut-être, qui sommeille
Et vient, même à son calme, ainsi qu'au moindre effort,
L'aiguillonner, laissant épuisée... et vermeille!

Helas! Va se faner la belle fleur qui dort!
Ce que fait sa beauté, c'est son mal qui s'eveille:
— Morbus cruel la ronge... elle a, dedans, la mort!

Rio, 21-III-910.

## VIEUX GARÇON!

Oui, c'est bien triste... helas! Dès la tendre jeu-
[nesse
Être seul — mais bien seul! — la moitié de soi même
Cherchant l'autre moitié, parmi tout ce qu'on aime
Dans cet accoupliment de l'humaine tendresse!

Être seul! — Pas avoir une seule caresse
Qui ne soit achetée au prix d'une blasphème!
Pas un baiser d'amour, sans un peché suprême!
Etre seul... vieux garçon... helas! quelle tristesse!

Être seul! Etre seul! Et, en seul, vivre anonyme!
Mourir sans successeur, déplacé dans l'espèce!
Pas avoir un seul fruit que ne soit le fruit d'un crime

Et je suis vieux garçon! Celui que se confèsse
Sterile pour la vie où l'animal le prime!
— Etre seul! Vieux garçon! Hélas! Quelle détrèsse!

Rio, 1-I-910.

## PARSIFAL

Como em crysol de megascopio egypcio,
No Graal, donde a Fé já se evapora,
Borborinha alma a acusmata que exora
Um Redemptor a seu fatal exicio.

Em vão! Reina Kundry, que é o maleficio
De Klingsor, em boceta de Pandóra...
— Só Parsifal, que mata um cysne só chora,
Se exime ás seducções, resiste ao vicio.

Sêl-o-ha! E o polymorpho megascopio
Polyphonisa alucinações de opio...
E Guernemanz consagra Parsifal

Que de Amfortas subtrahia a lança...
— Celebra o rito e, redemptor, se lança
Por Monsalvato em nome do Graal...

Theatro Municipal, 913.

## PARSIFAL

*O ultimo Capolavoro de Wagner*

Ao KAPEL-MAESTRO WEINGARSTNER

Com sangue de um cordeiro immaculado
Por Longuinho na ilharga lanceado,
Jesus remio da culpa e do peccado
Todo o mundo christão.

Com sangue d'alvo Cysne ao Graal votado
E lança que havia Klingsor roubado,
Parsifal, de ter seu voto quebrantado
Cura Amfortas mal são!

Messianismo: em Jesus, socialisado;
E em Parsifal, por tel-o individuado
Muito estreito e pagão.

Wagner, teu symbolismo anda atrazado...
Mas encanta o oratorio bem cantado
Do teu Christo Allemão!

Rio, IX-1922.

## A CAVALGATA DAS WALKYRIAS

*Ouvindo Wagner, depois da paz de Versailles*

Em freneticas, phantásticas lufadas
De cordas, de metaes e de madeiras,
Pelas rubras steepes devastadas
Conduz Wotan suas hostes carniceiras

Porém, máo grado as armas traiçoeiras
Contra o inimigo — o mundo — acicaladas,
Eil-as que vão tombando disimadas...
— E são, talvez, agora, as derradeiras!

Entanto, a cavalgada das Walkiras
— Eisa! — galopa as solidões Illyrias
Numa trepidação que o mundo aterra

Garupeando Heróes para a Walhala...
— E assim é que o Teutão, sempre a imital-a,
Tendo entrado, sahio da ultima guerra!

## SONHOS...

POEMA SYMPHONICO — RICARDO WAGNER

*Impressão auditiva — Weingartner*

No translucido ambiente harmonioso
Oboé plangente, alado sonho, adeja...
Logo outro mais, pl'os cardos, lacrimeja...
Geme e eslula um metal sonho inditoso...

E sonhos mil, n'um só, delicioso,
O poema symphonico boceja...
E resôa, alarindo... E alfim, troveja,
Na hypnose de um somno capitoso.

Mas já, de sonho em sonho, a onda sonora
Em syncopada e unisona assonia
Harpeja — e paira em suspensão agora...

E, no ambiente hypnotico e tristonho
Pinga a choral dos sonhos fugidia
A nota funeral do ultimo sonho!

Theatro Municipal, 1922.

## A GÉNESE DE WAGNER

(No seu ultimo jubileu)

No principio era o Verbo — a melodia —
Solitaria, a cantar em solitude,
O amor e a vida, ao som de um alaúde,
Bem como rouxinol a luz do dia

O meio-ambiente, em extasis, audia
Sem prescrutar o que traduza e estude
(Funda emoção ou sensação que illude?)
Como abstracta e vã scenographia.

Mas, pouco a pouco, anima-se o scenario
E canta, á grande orchestra, em symphonia,
O drama que cantava solitario...

E donde emerge, a espaços, erradia
Melodiosa voz de stradivario,
Syncopando a textura da harmonia.

## CREPUSCULO E MORTE DOS DEUSES

*Sobre uma pagina de Musset, depois de ter ouvido a Tetralogia Wagneriana.*

Tens saudades de quando os deuses sobre a Terra
Caminhavam por entre um poviléu de heróes?
Trucidaram-se os teus heróes em mutua guerra,
E teus deuses, no céo, transmudaram-se em sóes!

Transpondo agora vão — scientificos pharóes —
A via lactea e o espaço abstracto que os encerra;
Ou na pharmacopea, um ou outro que aberra
Purga a devassidão da Deusa... — E te não dóes?

Outros vieram mais das solidões illyrias,
Que numa cavalgada infrene de Walkyrias
Si foram... como a sombra objecto do deus Pan.

Succedeu-lhe o deus amor da Christandade
Mas, si morre... a não ser a Humanidade,
Quem ha de ser o teu deus novo de amanhã?

## O OIRO DO RHENO

N'alvo e espumante leito adormecido
E por virgineas Nayades velado,
Jaz, nas quédas do Rheno, o oiro escondido,
E até dos proprios deuses cubiçado!

Só ha de o ter, quem haja renunciado
Ao amor! E, dellas sendo escarnecido,
Um Nibelungo o rouba; enlavrado
Talisman — em annel é convertido.

E tal é seu poder, que, amedrontado,
Wotan lh'o tira. Mas se vê forçado,
Em resgate de Freia, a abandonal-o.

Aos gigantes que o haviam resguardado...
— Que todo o oiro do Rheno alchimiado
Não vale o amor com que ella soube amal-o!

Theatro Municipal, IX-1922.

## MURMURIOS DA FLORESTA

*Ouvindo a poly-onomatopicaphonia de Siegfried, penultima opera da tetralogia wagneriana, pela orchestra brasileira dos Concertos Symphonicos.*

AOS ESTUDIOSOS PROFESSORES E AO MAESTRO BRAGA, SEU ESFORÇADO REGENTE.

Agitando a folhagem rumorosa
Em dissonante e unisona assonia,
A lendária Floresta uiva e cicia,
Borborinha e sussurra, mysteriosa.

E' a hora fantástica do dia,
Que nos quebranta a alma valorosa;
E mais doce, e mais triste e mais saudosa,
Abemolando, canta a cotovia.

E, emquanto erram Gigantes, bem lá, onde
Annel e oiro do Reino, Anão esconde
E os guarda metarmórphico dragão...

— Em poly-onomatópica surdina,
Forja Siegfried adaga que o elimina
E restitue ao Rheno o aureo filão!

## OUVINDO LOHENGRIN

*Drama musical em 3 actos de R. Wagner.*

Elza, a loira princeza de Brabante,
Era accusada de nefando crime
Matára seu irmão; — e o não derime
Da alcivosia a negação constante.

Condenam-n'a a Côrte e o Rei que a têm diante
— Morrerá, si ninguem a ampara e exime.
E eis que do Cysne o Cavalheiro andante
Proclama-lhe a innocencia, em prol se esgrime,

E, vencedor de Telramudo, que ousa,
Com Ortruda, impedir que á Igreja assome,
Em recompensa a toma por esposa.

Elza perquire o nome ao ignoto amante:
— "Meu pai é Parsifal; Lohengrin, meu nome"... —
E parte. — Elza não mais reviu Brabante!

Theatro Municipal, Rio. 13-IX-913.

## A CAVALGATA DAS WALKYRIAS

*Interludio do 3.º acto da "Walkyria"*

POEMA E DRAMA LYRICO DE WAGNER

Já pela steppe e solidões Illyrias,
Fundos valles e abruptas penedias,
N'um revoar de lugubres harpias
A infrene cavalgata das Walkyrias...

Vi do Walhala ás regiões empyreas
Almas de heroes levando, prestadias,
Dentre as que afunda em regiões sombrias,
A infrene cavalgata das Walkyrias...

Brunnhilde aguarda, n'uma angustia infinda,
Porque sequestre a Wótan Sieglinda,
Volva Siegmundo as regiões emyreas...

E, nitrindo em crescendo estrepitante,
Perde-se ao longe, a esvosear distante,
A infrene cavalgata das Walkyrias!

Theatro Municipal. Rio, 3-IX-913.

## UM CORAÇÃO

OUVINDO RUBINSTEIN

Terceiro trio. Op. 52 — Andante

*Impressão Barroso, Milano, Gomes.*

Conheces coração tão bem formado
Que seja como ninho onde se asyla
Eterno passarinho que pipila
A um sol primaveril, sempre alvorado?

Conheces coração afervorado
Que seja copa d'arvore onde trila
Cigarra, que prediz, como Sybilla,
Bom tempo, em pino o sol, tudo encalmado?

Conheces coração, triste e maguado.
Que seja do pôr do sol angustiado
Fronde e ninho deserto em que morreu

Tudo quanto elle havia mais amado
E esperança... é saudade do passado?
— Pois esse coração é como o meu!

## OUVINDO RUBINSTEIN

*Sonata em ré: piano, sig. Hel. Figueiredo, violoncello, sr. Fred. Nascimento.*

Poeta de amarissimas tristezas
Que vão cambiando em ancias ou saudades
Do que se não logrou n'outras idades
Ou que ha de vir talvez entre incertezas...

Ah! que de tristes lagrimas represas,
Angustias, murmurios, suavidades,
Se não traduzem nas agilidades
Do teu piano, ao violoncello presas!

Parece que soluça, quando harpejas...
Ou canta, como ao luar aves surpresas,
Quando em randal de perolas adejas...

O violoncello baixa ás profundezas
Da dor... e geme então, se a *alma* lhe beijas,
Poeta de amarissimas tristezas!

Rio (I. N. de Musica) 4-VI-06.

## À HARRY FARBMAN

O GENIAL VIOLINISTA NORTE-AMERICANO

*Por occasião do seu concerto extraordinario no Theatro Lyrico do Rio de Janeiro.*

Harry Farbman, quando ouço teu violino
Cantar, na quarta corda, a "Fantasia"
De Paganini — aureo crysol que fia
Um sonoroso fluido crystalino;

No vai-vem do teu arco peregrino,
E ao aranhar de tua mão erguia
N'um accorde profundo ou que esfusia,
Cuido estar vendo um Mago, inda menino.

Um Mago, cuja mágica "baqueta"
Fosse esfiando d'alma do instrumento
A estranha fantasia de um poeta...

E a deixasse cahir, no ultimo alento,
Como espasmos de luz de um genio-estheta
Na hypnose do ambiente somnolento!

Theatro Lyrico, em 3-XI-923.

## OUVINDO WERTHER

A Luigi Mancinelli

Semi-deus de Weimar Wertherisado
De Massenet pela alma sonorosa
Num idilio que expira amargurado
Como lagrima em petala de rosa,

Tudo quanto de heroico e delicado
Gerar póde a paixão mais capitosa,
— Desde a renuncia do objecto amado
A' da vida, sem elle, erma e saudosa

Tudo alli canta e chora e geme anciando
Num murmurio brando e accidentado
Que acaricia o ouvido e vai ondeando

Morrer um coração dilacerado,
Como um eco, baixinho inspirando...
— O' Goethe! O' Massenet! — Bravo! Obrigado!

Rio, 12-VIII-05.

## OUVINDO SCHUMANN

*Estudos Symphonicos: piano só, sig. Suz. Figueiredo*

Que profundos estudos da alma humana,
Schumann, nos teus Symphonicos Estudos,
Donde, por entre graves e entre agudos,
Sonoro fluido mavioso mana...

E, filtrando entre arminhos e velludos,
Como por *tessitura* em filigrana,
Trepidamente canta — agua em fontana —
Ou morre entre gemidos quasi mudos!

E enlevos, devaneios, scismar, sonhos,
Murmurios de amor, beijos, meúdos
Gritos, entre suspiros e ais inconhos,

Vibrando como acusticos escudos
Quasi em *berceuse,* alegres ou tristonhos,
Passam nos teus Symphonicos Estudos!

Rio (I. N. de Musica) 4-VI-06.

# OUVINDO ABUL

Lenda lyrica em 3 actos

*Poema e musica de Nepomuceno*

AO ALBERTO DE ANTANHO

Che radiante gloria!
Sentir che la mia fede l'affascina!
O' vittoria! O' vittoria!

Abul a Shinah.

Se a Fé que canta é alma que se eleva.
A' mais pura e suave idealidade,
— Um mytho — seja Deus ou a Humanidade
Nelle se funde e todo em si o abreva,

Deve cantar com toda a suavidade
Desse jacto de luz que sulca a treva
Donde tu'Arte, que a harmonia cava,
A evocou com ternura e com saudade.

Não terá o teu mystico poema
Um quê de Ubirajara e de Iracema
Decantados por lyrico crysol?

Nelle cicia a lacrimosa planta
Da Terra onde não mais jandaia canta;
— Onde canta hoje Abul — o rouxinol!

## OUVINDO A PROTOPHONIA DO GUARANY

*O hymno retrospectivo do autocthono brasileiro, ao ser trasladado o corpo de Carlos Gomes para Campinas.*

Quando o portão transpoz, que abre o Arsenal de
[Guerra,
Carlos Gomes — o autor genial do Guarany —
Pozeram-lhe o caixão, que embalsamado o encerra,
Defronte de um corêto, ha passos dois d'ali.

E, n'alta archibancada, erguida sobre a terra
Como um amphitheatro, onde reunidas vi,
Dez bandas marciaes, si a mente me não erra,
Romperam, com Mesquita á frente, o Guarany.

Da alma Protophonia ao trepido alarido,
Foi-se-me o coração tornando confrangido...
E correr-me um arrepio a espinha então senti.

Eriçaram-se-me, um por um, os meus cabellos...
E lagrimas de dor rolaram-me em novellos...
— Nunca mais hei de ouvir assim o Guarany!

M. G. — Rio, 913.

## L'ÉVOCATEUR

A' Edouard Risler

*Le Suprême Virtuose et Maître des Maîtres du piano-fort.*

Peut-être, dans ton Art, raffinément intense,
Synthétique, intégral, complexe et nuancé,
Passe, un parfum lointain, un souffle du passé;
Car, jouant Beethoven, tu es un cerveau qui pense.

Parfois cette pensée, austère mais souffrante,
A besoin d'un cœur — cœur qui l'aime, étant aimé —
Pour lui dire, tout-bas, doucement, son aveu...
Et alors, jouant Chopin, tu es un coeur qui chante.

Mais souvent, à son gré, l'un ou l'autre varie,
La "folle du logis" portant jusqu'au génie...
Et, jouant Mendelssohn, Shumann, Liszt, en éleve,

Ton grand Erard, sous te longs doigts techniques,
[pense,
Sous tes sensibles doigts, aux bouts de plume, chante!
Et avec nous, sous tes doigts de Pénelope, rêve!

## OUVINDO RISLER

Depois de ter ouvido o que ha de grande
N'arte de bem vibrar o piano-forte,
Desde o Liszt da America do Norte
A Brailowiski — um Chopin sem George Sand:

Cuidei não mais houvesse, no Hinterland
Musical, quem vencesse, no alto porte,
A Padereswki, que não mais o expande,
E Rubinstein, que resurgão da morte.

Em vão! — Que tua technica assombrosa,
A' esthesia de innato sentimento,
N'uma execução maravilhosa,

Synthetisa todo alto pensamento
Musical, e o detalha, em rigorosa
Analyse, até cabal esgotameto!

## OUVINDO KETTERER

*Recordação saudosa da "Canção Russa"*

Si te pude esquecer... malicia humana!
O coração — phonographo sublime
Repete sempre a voz que nos imprime
N'alma — sensivel placa — com doce engano!

Mas, como voz de sonoroso oceano
Que se espraia ao luar e magua exprime
— Nas ondas da saudade que me opprime
Eu ouço ainda a voz do teu piano

Ouço-o vibrar solemne e apaixonado,
Na funda solidão da minha noite
O teu canto de amor, triste e maguado

E a cada ritornello que soluça
Com que ao talho de amoroso açoite,
Cantar-me dentro d'alma a "Canção Russa".

## O VIOLINISTA

*Perpetuando um caso do delicado poeta emotivo e insigne violinista bahiano Francisco Muniz Barreto Filho, 1.º premio da classe do Conservatorio de Paris.*

A inolvidavel memoria do neurasthenico companheiro de HENRIQUE DE MESQUITA

Era, de certo, ú'alma enamorada
Na mais nervosa compleição de artista.
Do pai herdara a *vèrve* repentista;
De Moema, talvez, a voz maguada.

Mas, vendo que do verso pouco dista
Um compasso, em linguagem modulada
Arrancando-lhe a alma apaixonada
Deu-a ao violino e fez-se violinista.

E então... que suaves ondas sonorosas
De poesia e de amor, n'um *andantino*
Do tetracorde, ás suas mãos nervosas!

Que extertor quasi humano! Mas, um dia,
Não podendo arrancar-lhe um som divino...
Partiu-o: — E nunca mais tocou: morria.

## O ULTIMO BEIJO DE PAGANINI

*Ao Grande violinista juvenil Oscar Borgeth no seu memoravel recital realisado, em serata d'onore, a 10 de Junho de 1925, no salão do Instituto Nacional de Musica do Rio de Janeiro.*

(RECORDANDO-LHE MIÉCIO HORSZOWSKI)

*"Tu Paganini eris".*

Quando nasceste, um Genio bemfasejo
Beijou-te a fronte e esse osculo divino
Transformou-te em talento peregrino
E artistico do som: foi um arpejo.

Fez vibrar em tu'alma, inda menino,
Syncopando-lhe rhythmico solfejo,
Todo o teu sentimento, como um beijo
De amor: e o Genio, então, deu-te um violino.

E do mago violino a alma sonora
Poz-se a cantar, com brio ou suspirando,
Quanto, em tu'alma, alegra ou geme e chora

Tão identicamente a amalgamando,
Que bem não sei dizer, te ouvindo agora,
Si é a d'elle ou a tua, Oscar, que está cantando!

## A ESPHYNGE

*A Joven pianista Tilde Nunes, na noite do seu primeiro recital artistico no salão do Jornal do Commercio.*

"Decifra-me ou devoro-te!"
— Inscripção iconographica —

Coco Esphynge que houvesse devorado
Em discreto silencio, noite e dia,
Toda a caudal da classica harmonia
Que a alma humana lhe houvera modulado;

E, descerrando alvi-dental teclado,
Mal contivesse a irónica alegria
De ver que novo Oedipo a affrontaria...
O teu piano forte está calado.

Mas eis que tuas mãos novamente
— Ruflantes colibris — com brio espalmas
Trahindo a alta emoção que o peito sente...

E eil-o a cantar, arrebatando as almas,
Beethoven, Bach e Chopin, genialmente,
Num turbilhão phantastico de palmas.

Rio, 24-5-919.

## A' NICIA SILVA

*Ouvindo-a cantar a "Gilda" do "Rigoletto", por occasião de sua estréa no Theatro Apollo, em a noite de 20 de Novembro de 1902.*

A voz d'ave que trina
E canta e geme e chora
No bosque, á luz d'aurora,
Intensa e crystalina,

Não tem a peregrina
Irradiação sonora
De tua voz, que alvora
E é já *semi-divina*

A ti, bem pouca cousa
Te falta, ave nascida
Para alto rouxinol:

Coragem que bem ousa...
— E uns dias mais de vida;
— E uns raios mais de sol!

## A' GRANDE PIANISTA BRASILEIRA ANTONIETTA RUDGE MILLER

*Ouvindo-a tocar Chopin (primeiro "extra", que se poderia chamar "Saudade"), depois da sua impeccavel collaboração no ultimo concerto da "London Sting Quartet"*

E cumprindo condicional promessa que lhe fiz, quando, da vez passada, lhe fui apresentado pelo seu grande amigo e enthusiastico admirador dr. Guedes de Mello.

"Basta um accorde, a definir Chopin"

GENERINO — *N'outro Soneto.*

De quantas tenho ouvido ao piano-forte,
Imprimindo ao teclado intimo alento,
E's tu quem, num neuronico transporte,
Toda a technica allia ao sentimento.

D'ali esse ideal "consentimento",
Que identifica e fez que se reporte
Quem te ouve a quem compõe, da mesma sorte
Que á Grande Artista o docil instrumento.

E eis por que teu piano-forte abranda:
Canta, em menor, mais do que a pauta manda,
Chopiniana musica alleman;

E' que Chopin, do piano, é o Grande Poeta:
— E quem, como tu, lê, sente e interpreta
Chopin, só deve interpretar Chopin.

Theatro Lyrico, em 18-X-926.

# BRAVO!

*Ouvindo Antonietta Miller*

Em recital, no 68º Concerto da Sociedade de Cultura Musical.

*Reportagem rimada de um velho amador enthusiasta.*

A' INSIGNE PIANISTA, PARA O SEU REGISTRO D'ARTE.

Leit-motiv: *Scarlatti,* Pastoral — *Back-Busoni,* Chaconne — *Beethoven,* Escossaises — *Schomann,* Papillons, Nuit de Printemps — *Chopin,* Etudes, en sol dièse et là mineur. Préludes ns. 3 et 23 — *Monpou* Jeunes Filles ao jardin — *Palmgren,* Refrain de berceau, La Mer — *Tchaikowski,* Humoresques — *Wagner-Liszt,* Le Chant des Fileuses — (Vaisseau-fantôme) et *Alkan,* Chemin de fer: — *Extra.*

... Una dolce melodia
Correva per l'aer luminoso

— DANTE — *Paradiso* —

Hontem, o Salão Nobre do Instituto
Abriu-se á fina flor do entendimento
Para que ouvisse o artistico talento
De Antonietta, num "programma bruto".

E deu-se o virtuoso encantamento...
— Ainda á Sphynge — Steinway escuto:
Back, Scarlatti, o Genial Portento
De Bonn, Schumann, Chopin, o revoluto

Liszt, Tchaikowski, Monpou (dos Finlandezes
Primitivistas) Palmgren e Alkan
(Afóra um *extra*-recital pedido).

Mas com tal nitidez, tal colorido,
Tão emotiva technica, que, ás vezes,
Se excedeu a si mesma! — Um — Bravo! — ao élan.

Rio, I. N. M., 22-V-927.

## JUPYRA

*Ao Maestro Francisco Braga, ao se lhe deferir o triumpho antigo na noite de sua festa com a sua opera em um acto "Jupyra".*

AVÉ, CUNCTATOR!

D'aquelle triste drama, a um canto da floresta
Rumorosa e sombria, ao pôr do sol, que resta?
Que resta desse amôr selvagem que suspira
E arrulha como pomba, e bifido se atira
— Cioso ophidio — ao pé do incauto que o supplanta
E lhe injecta mortal curare, em ira tanta?
Um cadaver que arrasta odio cruel, Jupyra:
— Odio que é mais que amôr, porque é amôr que delira!
Mas como salamandra, a arder na propria chamma,
Voltaste contra o seio o dardo que se enflamma...
E morreste de amôr, morreste de remorso!
Da caudal que o tragou, eis-te a boiar no dorso...
E deste triste drama, a um canto da floresta
Rumorosa e sombria... ai, nada! — nada mais resta!
.....
Mais que um éco saudoso! — E a acclamação vibrante
Que teu modesto auctor recebe neste instante.

Rio — 1-12-1900.

## BÊBÊ S'ENDORT...

(Berceuse)

*Impressão auditiva*

A' H. Oswald.

"Bêbê s'endort"... No seu bercinho
Tépido, fôfo e alvo ninho
Fada idéal canta baixinho,
Em tom menor,

Como, em perenne borborinho,
Que sobre á mente — lethal vinho,
O pipilar de um passarinho...
"Bêbê s'endort!"

"Bêbê s'endort"... Dorme, filhinho!
Que vele um anjo teu somninho,
Meu bem maior!

E, á voz cortando o fiosinho:
— Silencio... Psio! mais de mansinho...
"Bêbê s'endort!"

## GEMEAS E SOSIAS

"Uma é o sonho, a outra é a vida".

COELHO NETTO — *Discurso apologetico*

*Ouvindo ás irmãs Suzana e Helena de Figueiredo: "Gazouillement du printemps" (Sinding) e "Caprice sur les airs de ballet de "Alceste", de Gluck" (Saint-Saëns).*

COM ENDEREÇO AO CARICATURISTA CHRISPIM DO AMARAL.

Com que, então, quer saber qual eu prefiro:
Suzana ou Helena: ao piano, o sonho ou a vida...
— Ora, Chrispim, sei cá! — Tão parecida
Uma com outra é, que... ambas *prefiro.*

E onde termina o sonho e emenda a vida?
Não se vive a sonhar? — Sonho?... — Respiro!...
— Gorgeia ave a bailar, se escapa a tiro...
Diz Você que isto é sonho? — E eu digo: E' vida!

Bem, pois, é que, entre as duas só se ponha
Distincção que ellas têm — e lhes não tiro:
— "Sonho que vive" ou então "Vida que sonha".

Que, quanto a mim... catitas "Meias-luas"!...
Em vendo ou ouvindo eu uma, a outra prefiro;
E, como não sei qual é, — gosto das duas.

Rio, 30-IX-04.

## ACUSMATA...

— *"Concerto azul" — bandolins, piano, harpa, flauta e violino.*

IMPRESSÃO ESTHETICA

No amplo salão, repleto e silencioso,
Maestrina, a batuta no ar vibrando,
Dos bandolins "azues" desperta o bando...
... E sussurra o concerto sonoroso.

Como trépida lympha em marulhoso
Rio, que cascadeia, vai resoando,
Ora n'um suave murmurio brando...
Ora em crispados ais, n'um tom queixoso.

Ouvem-se alternos sons, de quando em quando,
D'harpa, piano, violino agudo,
Maviosa flauta ou humana voz chorando...

Mas logo bandolins abafam tudo...
Como felinas patas que, arranhando,
Deslisassem por sêdas de velludo!

Rio, 1-VI-08.

## RONDA DE VIOLINOS

(Para o amigo Pereira)

Era um grande amador do violino,
Que cultivava desde tenra idade;
E, quanto ambicionava do Destino,
Era attingir-lhe a virtuosidade.

Discernia-lhe os "SS", mais o fino
Lavor, e a "alma" sonora e a antiguidade;
E, quanto lhe sobrava, á puridade,
Era para comprar um bom violino!

Dois "Amati", um "Breton", um "Guadagnini",
Assim, colleccionou: dois bons "Guarnerius",
Um "Stainer" — e uma "Thibeau"... de tenra idade

E, no leito, alta noite, entre mysterios,
Ia-os dispondo em ronda o Paganini...
Para a conquista da Immortalidade!

Rio, 3-VII-910.

## MÃO VIDENTE

*Ao violonista cego Levindo Conceição depois do seu recital no I. N. de Musica.*

Teu ligno-corde e acustico instrumento
D'alma sonora é um terno coração
Como canta, se lhe imprime sentimento
Nervosa e bem trenada mão.

Pois traduz n'um sorriso ou n'um lamento,
Toda a gamma idéal d'uma paixão
Desde o idylio, que treina, suave e lento,
A' dor que estala um bordão.

Ouvi Pedro Baptista e Pedro Primo,
Ramos e Ilabarana de Oliveira,
Robledo e Barrios, a violão

Liam musica os dois que á frente, rimo
Mas nenhum delles tinha essa cegueira
Que te faz tão vidente a mão!

## MONÓLOGO DE SAHARA

OUVINDO FELICIEN DAVID
*Intermezzo da Tragi-Comedia Humana*

(Periodo metaphysico-revolucionario)

Amodorra-me a calma! — A febre me devora...
E — Tantalo — nem posso a lagrima suspensa
Dos teus olhos beber, nessa cisterna immensa
Da orvalhada alegria, ó providente aurora!

Como em olhos de sphynge a minha dor não chora,
Não se concentra mais! — Seccou bem como a crença
Na aridez de minh'alma — essa planice extensa
Onde não ha palmeira a que me acolha agora!

Minh'alma é o Gran-deserto egypcio! — A caravana
Das paixões, em tropel, vai galopando insana
A calcinada leiva e o sol funde-se em chumbo!

E a sêde — a febre ardente em corpo que não
[medra —
Lavra-me intimamente as visceras de pedra.
— E, quando tudo é vida... ai misero! — Succumbo!

## A ALMA DE MALÏBRAN

A' TILDE MARAGLIANO

*Ao estrear-se com o Mefistofeles de Boito, no Rio de Janeiro.*

Dizem que a Malibran, cujos amores
Passou Beriot para a alma de um violino,
Transmudara, ao morrer, o sêr divino
Em rouxinol, que é o rei dos cantadores.

E, desde então Bul-bul, entre os melhores
Larynges, tece o ninho peregrino:
— Patti e Durand lhe houveram tal destino,
A Gabbi e Tetrazzini, taes favores:

E até ouvi dizer... — Mas não preciso! —
Que, em Paola Marié, Mignon descanto,
— Como em Judic, á Musica do riso!

Ora, Tilde, bem sei que, esquivo Jano,
O rouxinol da Malibran não canta
*In herbis;* mas, comtigo... é Maragliano!

110-1898.

## VIOLÃO SAUDOSO

*Recordando Pedro Baptista, Padre Primo Tavares, José Hippolito Ramos e Itabaiana de Oliveira,*

OS INSPIRADOS POETAS DO VIOLÃO

Devia de ter sido um desgraçado,
O que, primeiro, a um violão sonoroso,
Exhalou um suspiro angustioso
Por entre um triste canto apaixonado.

Porque parece um coração saudoso,
Alma queixosa em peito torturado,
Que revive as angustias do passado
N'um fado triste — um fado a Vimioso.

Repousa, como esphynge, emmudecido. ..
Basta, porém, que um "sem ventura" o harpeje,
Para que gema, a soluçar, sentido!

Dirieis coração que, anciando, arqueje...
Alma que expire em eco dolorido...
De toda a dor que pelo ambiente adeje!

## GENESIS LENDÁRIA DA HARPA

Quem foi que a harpa inventou? Dizem que um dia,
Depois que urdira inextricavel teia
Com o alvo fio, que secreta e a enleia,
E, d'altro a baixo, célere, estendia,

Quiz uma aranha ver si resistia
Ao vento, como ao sol se doira e alteia;
E, qual nervosa mão que se cambreia,
Um por um, cada fio percutia.

Ciciava, tangendo-a, aura queixosa...
E ha quem diga que, ouvindo-lhe os soidos,
Cantara a arachnide angustiosa...

— Eram threnos... soluços... ais... gemidos...
A pontear-lhe a voz, êrma e chorosa!
E a harpa assim surgira em tempos idos.

Rio, 08.

## OUVINDO RIGOLETTO

*4 actos lyricos de Verdi, sob a regencia de Marinuzzi, do Theatro Costanzi de Roma.*

RECORDAÇÃO SAUDOSA DE "LE ROI S'AMUSE".

"O lobo encurralou a ovelha em seu redil".
*"Le Roi s'amuse — act* 4.º

Meu pobre Triboulet, que triste o teu destino!
Dôou-te a natureza um coração mas de ouro,
E dando-te uma filha amor, que é teu thesouro,
"Bôbo do Rei" te fez o Arbitro divino!

Bôbo de um Rei que amava o "eterno feminino"
Com esse amor carnal que impelle á vacca o touro...
Numa Côrte devassa e que era o sorvedouro
De quanta virgindade havia de mais disso!

E quando a chasquear do teu amor paterno
Fidalgo o rufião te accende n'alma o inferno.
"O lôbo encurralou a ovelha em seu redil...

A seus pés, tendo em mão a prova — o lenço della
Rebenta de tu'alma a intima procella...
— Sublime, Triboulet! — Que heroico é o teu perfil!

Theatro Municipal, Rio 25-IX-913.

## "E LUCEVAN LE STELLE"

*Tosca — Romanza — III acto*

(SHOKING FOR CARUSO)

Hontem, pela campana, a um gramophone,
No "Lucevan le Stelle" ouvi Caruso,
Cuja voz ascendia, como um fuso,
A suspirar, no fim, como um cyclone!

Cantou — Cavaradossi afflicto e insomne —
O seu canto de cysne ao amor escuso
De Tosca, apaixonado mas confuso...
Graças ao trepidar do gramophone!

E eu, que o ouvi cantar tão docemente...
Com tanto mimo e artistica ternura...
Com tão funda paixão... suspiro e entro...

Entro a scismar que ouvi — dá pena á gente! —
Em vez da sua voz, suave e pura,
— Ventriloco que canta para dentro!

Rio, 08.

## REQUIEM DE AMOR

*Sobre uma pagina de "La Vie de Boheme" de Henri Mürger.*

(Commemorando a primeira audição de "La Bohême" de Puccini).

*Et Musette, qui n'etait plus elle,*
*Disait que je n'etais plus moi.*

H. MÜRGER — *La chanson de Musette.*

Agora que, entre nós, tudo é findo e a distancia
Te impede de corar, ao ler este soneto,
Não temo ser por ti tachado de indiscreto,
Teu nome pondo aqui, *Sinhasinha Inconstancia.*

Bem sei que 'stá deserta a perfumada estancia
Aonde — um Montagú — te amei, ó Capuleto...
— Da calhandra hoje resta apenas o esqueleto
Causticamente a rir do nosso amor da infancia!

Mas eu presava tanto a tua convivencia...
Tu não tinhas ainda a classica "Excellencia"
Nem eu tinha, tampouco, o emphatico "Doutor".

Era calma e feliz, então, nossa existencia.
Depois, não sei porque! — fizeste reticencia...
— E eu fiz ponto final... no teu saudoso amor!

1867-1897.

## TOSCA

Era uma vez a Tosca, actriz que amava
Cavalheiro — pintor Cavaradossi,
Que certo olhar pintou como se fosse
O della, em Madona que a lembrava.

Nada mais natural, nada mais doce
Onde tudo começa, isto acabava
Mas o Principe Scarpia a desejava
E — é bem de ver! — Scarpia enciumou-se.

Scarpia era um tyranno d'alto porte
Tortura o Cavalleiro... e despicou-se
Em Tosca que o apunhala, feio e forte.

Boa musica, ás vezes, doce... doce...
— "Preghiera", "Ultimo adeus", "O doce morte"...
E tão bem cantadinho, ora... acabou-se.

Rio, 10-VI-06.

## OUVINDO FLORIZEL VON REITER

Hontem, quando um Steinway docemente
Vibrava, acompanhando um bom violino
Que cantava, subtil e crystalino,
D'alma arrancando o que só a alma sente;

Um Cherubim ou loiro adolescente,
Tangendo o arco, a bem dizer divino,
Enchia o ambiente, luminoso e fino,
De um largo canto, apaixonado e quente...

E então, do tetracorde sonoroso
A pastosa caudal, rindo ou gemendo,
Como de ingenuo coração queixosa,

Desprender-se, evolou-se e, n'um crescendo,
Transpoz o ambiente, até morrer, saudosa,
Numa explosão de enthusiasmo ardente.

## LES ERINNYES

*Souvenir de Leconte de Lisle et Mme. Jeanne Grumbach*

(De l'Odeon de Paris au Phenix de Rio)

"Moi? J'e lui fait justice; elle a tué mon pére!"
— Oreste, dans "Les Erinnyes".

Agamenon est mort! Egisthe et Clytemnestre
L' ont tué de leur feu et tranché en morceaux!
Elle en est égarée encor, louve sylvestre,
Les mains, les bras rougis de son sang, hurlant haut.

Dans la court du palais royal, horrible orchestre,
Les Erinnyes, ses enfants, sur son tombeau,
Priant Hermés pour son doux et eternel repos,
Remplissent de leurs cris vengeurs l'orbe terrestre.

Leurs frère Oreste accourt... Et devant ce forfait
Monstrueux plus monstrueux encor, d'un coup, se lance
Et, trempant son poignard dans le sein de sa mère...

Leur dit, quand, à son tour, pour lui criaient ven-
[geance:
"Tu as tué ta mère! Oreste, qu'as tu fait?"
— Moi? J'ai lui fait justice; ella a tué mon père!

Théatre Phenix.

## BUTTERFLY-MIURA

*Recordando a minuscula soprano e grande actriz japoneza.*

NO SEU CARNET DE VIAGEM

Como incauta e voluvel borboleta
Que, por bambus, kakis e crysanthemos,
Recortasse o ar ambiente em vôos supremos
De Psychê por devaneios de poeta

Assim, cantando o amor e seus extremos,
Cio-cio-san vivia irrequieta,
Até que, um dia, ouvio dizer: "Amemos!"
A um commandante yankee de corveta.

E amou, com paixão e com ternura
Mais que o filhinho, o esposo que se ausenta
E, casando outra vez, lhe a fé perjura...

Tanto que, n'um accesso de loucura,
"Mai piú! Mai piú!" a soluçar rebenta...
— E apunhalou-se Buterfly-Miura!

Rio, 10-VII-921.

## CIO-CIO-SAN

(MADAME BUTTERFLY)

*Tragedia japoneza com musica de Puccini*

Interpretação Carelli-Zenatello

Era uma vez niponea borboleta
Que só vivia de ar, e luz e flores;
Bandeando por todos os amores,
Sem que do Amor sentisse a hervada seta.

Mas chega á Nagasaki uma corveta;
E um bello official... de caçadores,
Mediante alguns dollars seductores,
*Encova* a bandoleira borboleta!

Encova... abla-lhe as azas... vai-se embora!
E, além de um coração onde ele impera,
Deixa-lhe um filho, loiro como a aurora.

Em vão "Madame Butterfly" o espera...
Volta casado! — e o filho quer agora...
— Degolla-se "Butterfly", mostrando-o á fera!

Rio, 6-IX-07.

## MISCHA VIOLIN

*Impressão auditiva*

Violin! Quem de Violin te poz o nome
Foi, com certeza, um coração presago:
— Inda não tens dos dois o alto renome,
E és, como Vecscy ou Kubelik, um mago!

Pois si de um possues technica que dome
A quarta corda de um Guarnerio aziago
Tens, d'outro, a alta emoção que te consome...
— E nos encanta o ouvido em doce afago!

E pastoso te sai, nitido e puro,
O som que estrai tu'agilima cavata
N'um deliciosissimo claro-escuro.

Onde, porém, tu'alma se retrata
E' na "Canção Hindú", que um genio obscuro
Compoz, talvez, morrendo... Esse arrebata!

Theatro Municipal, 3-VI-919.

## OUVINDO DE NOVO A VELHA "AÏDA"

Ao immortal Cysne do Buceto

*Impressão oclusiva Claudia Muzio para Paulo Carneiro, Paula Lopes (filho) e Reis Carvalho companheiros de audição.*

D'aquella pharaónica Epopéia
Em que o amor morre á sombra do mysterio,
Como um lothus, fatidico e funereo,
Qu'embalasse esquisita melopéa;

Que mais resta, sinão a triste idéa
De um destino fatal, submisso ao imperio
De exhausta theocracia de Pompéia,
Em assyrio scenario deleterio?

Mas ha tal côr local nesse spartito
(Como n' "O Guarany", de Carlos Gomes),
Que pelo Egypto o imaginar se perde...

E onde quer que, cantando Aida, assomes,
Tu arrebatarás festivo grito
De justa admiração, immortal Verdi.

Theatro Municipal, 2-IX-924.

## O MINUETE

(Reminiscencia de Buccherini)

No heraldico salão, que um gobelino obombra
E a imagem dos avós enche de um ar severo,
Descreteia, grupada em torno ao fogo e a austero
Cravo, a medieval nobreza, á meia sombra.

Nesse ambiente ancestral que o Christianismo en-
[sombra,
Pondo uns tons de elegancia, ao gosto do alto clero;
Damas da casa d'Este e cavalheiros de Homero
Aplaudiam Mozart — "genio infantil que assombra" —

Eis que rompe, porém — sonora *silhouette*
No espaço que recorta, alegre e suavemente,
Como ũ'ave a brilhar — o airoso minuete...

E a joven castellã resvala sobre a alfombra,
Como um sonho de amor que foge docemente,
Com um raio de luz que recortasse a sombra.

## MUSICA DE CAMERA

*Ouvindo o Quartetto Tcheco-Zica e Antonietta Miller.*

Cesar Frank, quintetto em fa menor — Borodine, o celebre quartetto em ..... e Schumann (bis) quintetto em mi bemol maior, op. 44.

*A' insigne Pianista Antonietta Miller e ao fino amador de musica de Camera Dr. Guedes de Mello.*

Una dolce melodia
Correva per l'aer luminoso!

DANTE — *Paradiso.*

Eu despertei de um sonho delicioso
D'Arte, que se não conta nem define,
Ouvindo Schumann, Franck e Borodine,
A Tcheco Quartetto e Steinway estuoso.

E ouvil-os, para mim foi summo gozo.
— Sem que altere o andamento ou desafine,
Tão coheso e homogeneo se imagine,
Que dir-se-hia um "orchestrion" mavioso,

A cantar ambientante symphonia,
Hypnotisando as almas, docemente,
Em consensual e intima harmonia,

Até que a ultima nota acorde a gente
Do somno em que a sonhar vivido havia,
Embalado na murmura corrente!

Rio, 1-V-927.

## OUVINDO GRIEG

*A dansa de Anitra (Peer Gint)*

E', dentre as artes mimicas, a dansa
— Um neuro-rythmado movimento
Que agita o corpo humano e, alfim o lança
No espaço, a alta impulsão de um sentimento.

A que melhor traduz toda a nuança
Da escala dos valores, num momento,
— Do amor carnal á cultura festança;
Desde a alegria á dôr e ao soffrimento.

E, ouvindo a ibseniana melopéia
Da Anitra, me parece que estou vendo
Dansar, qual benzinada centopéia,

N'uma desolação sempre em "crescendo"
Plangente, torturada, em dyspnéa,
— Um'alma de mulher que vai morrendo!

## LENDA DO BANJOLIM

*Ao genial banjolinista Adolfo Rosa*

Era uma vez um coração magoado,
Cujas sensiveis fibras delicadas
Ressoavam, vibrando apaixonadas,
A' mão cruel do mais tyranno fado.

E então, num vário tom avelludado,
Chorando, grazinavam irritados,
Como se fossem éreas arranhadas,
Felinamente, a plectro electrisado!

Mas, si as vibrava pollegar divino,
Tinha ancias e angustias de violino...
Do violoncello o estertorar, por fim!

Insurgiu-se, a estalar, contra o destino...
Toda Morgana ou Grande Ser Divino,
Em tuas mãos, mudou-o um banjolim.

(Rio, 911).

## ROSMERSHOLM

ESCORÇO IBSENEANO

*Impressão Rébecca-Duse*

Rosmer! Teu idéal — com Mazeppa
Preso ao branco corsel do preconceito —
Galopa, infrene, em temporal desfeito,
Para a caudal que, em perdição, se steppa.

O "Reitor Kroll" — a consciencia — o increpa
De renegar, com a fé, moral preceito;
"Brende" lhe esgara o viso contrafeito;
Sobre a garupa "Montensgaard" lhe trepa!

Mas vôa empós o destino que o obseca,
Deixando atraz "Felicia" — a illusão mortal!
Fitando a estrella do Porvir — "Rebecca" !

E, quando a alienação lhe bate á porta,
Busca a morte, a correr, bradando: "Eureka!"
— E... ainda o "Cavallo-branco" o espaço corta!

Rio, 16-VII-07.

## ESPECTROS

*Impressão da tragedia Ibseniana*

A Salvini — Oswaldo

Dizem que os que se vão não volvem mais...
Não volvem mais os que se vão, é certo!
Quando o seu logar deixam deserto
Na memoria dos miseros mortaes.

Que os filhos, quanto são, devem n'o aos pais
E ao "meio social", que veem de perto;
E, em bem ou mal, com passo firme ou incerto,
Revive cada qual seus ancestraes.

Eis por que "espectros" vêem-se em toda parte,
Em plena natureza como na Arte,
E — torvo abysmo — a de Ibsen nos atrai.

E' que te faz "viver", sobre o proscenio,
— Paterno espectro — Oswaldo e, a um tempo, genio!
Que sejas vivo espectro de teu Pai!

Rio, 18-VII-07.

## HEDDA GABLER

ESCÔRÇO IBSENIANO

*Impressão Hedda-Duse*

Fôra um par de pistolas quanto herdara
Do "General", seu pai, — e a arte de usal-as
N'um "flirt", que varrera o pó das salas
Onde o "feixe dos nervos" passeara.

Flor de luxo, exoticamente rara,
Das que se aspiram sem poder tocal-as,
Sob a promessa de sonhadas galas,
Esposara um "Doutor"... emfim casara.

E, emquanto Elle, em abstracta intimidade,
Escrevendo da "Industria do Brabante"
Passa a "lua de mel"... na "média idade"... —

Ella, revendo o seu primeiro amante,
Queima-lhe "A Obra", sem necessidade;
Fál-o matar-se... e mata-se! — Empolgante.

Rio, VII-07.

## DE MENINA E MOÇA A BERNARDIM RIBEIRO

"Menina e Moça ainda me levaram
Da casa de meus pais a longe terra"...
— E eu... triste de mim que, em crua guerra,
Ficou-me o coração que ali levaram!

Ai quando se me os olhos alongaram,
Já na volta de Espanha, a minha Serra
De Cintra; e vi, com o amor que me desterra,
Sumirem-se na bruma os que ficaram...

Entrou-me o coração tamanha magua...
Tamanha pena em mi, misera infanta...
Que os olhos, os perdi, de rasos d'agua!

E que eu ora hei de ser, si a dor é tanta!
Tanta a soidade, amor! que, em funda fragua,
A mi, me mata; e, a elle, o livro encanta!

## LUZIA HOMEM

(Mon cousin Lucie)

*Impression de lecture*

A' Domingos Olympio.

C'e n'est qu'un lointain souvenir...
Elle est très brune, mais sans tache,
Avec son doux petit moustache
Noir, qui lui siède à ravir.

Sa bouche... ont dirait qu'elle cache
Une fraise tout-prete a s'offrir...
Mais, avec deux perles d'ophir,
Noires, son regard nous cravache

Pourtant cette femme bizarre
Qui a sur ses levres un becarre
Pour ramener la voix au ton...

A de l'esprit... et quelque chose
De ravissante qui la pose,
Etant mère, en joli garçon.

## LASCIAMI PARTIR...

(*Sobre uma pagina de Meyerbeer*)

Si tens um coração, si tens û'alma
Meiga, amorosa, compassiva e terna,
Que, brandamente, amando, nos governa
Com suavissimo olhar, serena e calma;

Si lavra no teu seio a chamma interna
Que me devora o peito, e não se acalma,
E a nossa vida miseranda encalma,
Numa anciedade, inquietadora e eterna,

Si me não podes dar, não já ventura,
Mas essa paz, porém esse socego
D'û'alma honesta, verdadeira e pura:

Rompe o fatal guilhão que nos opprime
E enleia em suavissimo aconchego...
Oh! deixa-me partir, que te amo... e é um crime!

(1872).

## ULTIMOS DIAS DE POMPÉIA

OBRA PRIMA DE BULWER LYTTON

Pasquali-film, Torino

*Impressão cinematographica*

Pompêa o Grande Circo estridula loucura...
Bigas voando vão nas asas dos corcéis...
Gladiadores por terra... athleticos lauréis...
Applaude a multidão que o olhar e o ouvido apura.

Rumor subterraneo em funda noite escura...
Na jaula, uivam leões, presagos e revéis...
Assoma o morituro... e hycanio leão procura
Escapar-se da arena e a sensações crueis

Mas, subito, o Vesuvio irrompe... com betume,
Creosota eil-o esvurma e sulphuroso lume
Que, em cachões, se ennovella, asphaltando a plateia.

Oscilla, a ruir, o Circo... E, tonta, a turba multa,
De envolta com leões e escombros, se sepulta
Na ignea vasa central que soterrou Pompéia.

Cinema — Odeon — Rio, 8-X-913.

## RIMA DIFFICIL...

Si, além de — queijo —
Ha, para — beijo —
Mais rima em — eijo? —

Ha, — não motejo gracejo
Mas, para — beijo. —
— Beijo-a mais — beijo! —

## COME LE FOGLIE...

*Escorso Giacosiano*

NENELE — TINA DI LORENZO

"Nulla!..."
Act. III, ult. scen.

"Nulla..." — Sim. Como a folhas desprendidas,
A aza veloz do ardente furacão
Das paixões mais cruéis e doloridas
Arrebatou-te as rosas da illusão!

Da puberdade as scenas mais vividas
E os lances de um virginio coração...
— Tudo se foi nas azas denegridas
De alheia e miseravel corrupção!

Tudo se foi... aos surtos do teu genio,
Artista, cuja voz cicia ou ulula,
Como o simoun da dor, sobre o proscenio!

E... só tu cresce! — tudo o mais se annulla,
Sob a pressão de um ar sem oxigenio...
— "Nulla!..." exclamas tu, só... — Sim! nulla...
[nulla...

Theatro Lyrico, 9-VIII-06.

## LENDO "SOLNESS-O-CONSTRUCTOR"

A Henrik Ibsen

Mestre do symbolismo scandinavo,
Que, em cada habitação, sonhaste um templo
E o homem deus — do eterno Deus a exemplo —
Mas egoista e de si proprio escravo!

Alto ascendeste, e tanto, que, si cravo
No espaço o olhar, pequeno te contemplo;
E — sinistra visão! — toda a alma eu emplo
De um mundo a ruir n'um sonho scandinavo.

E' que as azas da icaria phantasia,
Requeimaste-as na insana mocidade
A' agitante e minaz paralysia;

E teu olhar, lynceando a immensidade,
Sem luz quedou: — não viu que só podia
Erguer o amor um templo... á Humanidade.

114-901.

## ALMAS SOLITARIAS

(*Impressão Hauptman-Zacconiana*)

*"Senza patria, senza famiglia, senza amici — nulla".*

HAUPTMAN — *Anime Solitarie* — Anna Mahr, act. ult.

Solitarias, quaes folhas desprendidas
Do tronco e que se vão n'aza do vento,
Abrasadas no proprio pensamento,
No proprio coração de dor transidas,

Eil-as que, pelo mundo, incomprendidas,
Turbilhonam, sem ter um só momento
De paz e amor e real contentamento...
— Só pela dor — dor lancinante — unidas.

E vão — almas sem par! — pelas quebradas
Da existencia, feridas e maguadas,
Succumbindo, uma, a uma, lento e lento,

Como folhas do outomno amarelladas
Que, tombando, se somem, retardadas...
— Onde tudo vai ter... — no esquecimento!

Theatro Municipal, 4-VI-913.

# O CAVALLEIRO NEGRO

A Aureliano de Campos

*Na ultima pagina de um livro de Cavallaria, illustrado por Gustave Doré.*

"Le bois était épais et sombre; or, au premier carrefour, il vit devant lui, accoudée sous un pin, une vieille dont l'étrange figure le frappa de surprise." — Le Chevalier Noir — Trad. par Mary Lafon — Passage illustrée.

Resam Chronicas da "Távola Redonda"
Que, sob o Rei Arthur, n'uma floresta,
De uma velha, que o passo lhe molesta,
Certa vez, vira Jaufre a face hedionda.

"Que um Cavalleiro Negro — lhe protesta —
O matará, si proseguir a ronda..."
— E eil-o que surge! E do corsel o monda,
A um golpe! E foge, si a pé firme o entesta!

Não será nossa vida esta sombria
Floresta, onde horrendissima megera
Nos tolhe sempre o passo, noite e dia?

Por toda parte, onde, fatal, impera,
Um "Cavalleiro Negro" nos espia...
— E fere... e foge... ao que, a pé firme, o espera!

Rio, 5-VI-08.

# TARTUFO

## Escorço Molièresco

*Impressão Tartufo-Salvini*

"Il y a avec le Ciel des accommodements"...
"Que ce ne pas pécher, que pécher en silence."

Molière — "Tartufe".

Mixto de ingénua e audaz velhacaria,
Que invoca o Céo para burlar a terra;
Dupla consciencia, intimamente em guerra,
Que diz que — "Sim!" — como que — "Não! — diria;

Vesga luxuria, que faz rir e aterra,
Com grotescas miquices de hysteria;
A um tempo, a mais rafeira covardia
E arrancos de leão que, cioso, berra;

E, tudo isso, em clerical silhueta,
Cuja expressão de olhar se não define...
E é um "estellionato de roupeta!"

Vampiro social que se confine
Dentro da hypocrisia de um asceta...
— Vês? — E' Tartufo-Poquelin-Salvini.

Rio, 24-VII-07.

## A SAMARITANA

*Escorço da Parábola dialogada de Rostand*

POTINA — TINA DE LORENZO

Gesú quêdava ao pé de uma cisterna,
Quando, de um caso que a moral lhe empana,
Cantando e rindo, vem Samaritana
E enche a bilha, que o húmerus lhe aderna.

Então Gesú, com voz suave e terna,
Lhe pede de beber. Ella chicana
Que, para hebrêo, essa agua era tofana...
E torna-lhe Gesú que é a vida eterna.

Quéda Potina attonita; e, a um conselho,
Lhe pergunta si elle é que é o Messias...
Gesú prega-lhe então todo o Evangelho.

Potina — Tina só, melhor dirias —
Se embebe n'elle, como n'um espelho,
E segue-o — ella e a Samária — em psalmodias.

Rio, 24-VI-08.

## THEODORA

SOUVENIR DE "THEODORA" — SARAH BERNARDT

"Nisi leges sine moribus".

Theodora! Que lição cruel que és tu, Theodora!
Roma — a Urbe Immortal — a "Urbs" por excellencia —
No esterquilinio afoga a torpe decadencia,
Rôto o laço da fé, morto o civismo, agora!

A matrona ancestral, que o gynecêo, outr'ora,
Honrava, em ter — Cornelia — insigne descendencia,
No delirio febril do luxo e da opulencia,
Se peija de ser mãi — é meretriz, Theodora!

E, emquanto, por suster-lhe o exicio, em cruéis
[luctas,
Contra o "Jus vitae et nescii", enraizado embora,
Justiniano escreve as livres "Institutas"...

Desertas, alta noite, o throno, e, até a aurora,
Pões teu nome em leilão no rol das prostitutas!
— Theodora! Que lição cruel que és tu, Theodora!

Rio.

## MONNA VANNA

ESCORÇO MAERTELINCKEANO

*Impressão Vanna-Duce*

Monna Vanna... teu nome é Monna-Duse!
Com ser Monna, és mulher, e, sendo Vanna,
E's vivo exemplo de ancestral Romana
Que a civico dever nada refuse!

Rende-se Piza, sem que della abuse
O florentino Chefe assediante;
Rende-se á fome e á maldição do Dante:
— Para salval-a... Monna Vanna — é a Duse.

E vai... e volve, immaculada, Vanna!
— Sem que, de mais, o intimo lhe accuse,
Que um Puro Amor que salva e a não profana!

E, quando Guido o assoma, usa da "ruse":
Mente — e esse Amor ao seu Amor irmana!
— Monna Vanna !teu nome é Monna-Duse.

Rio, 07.

## NA MORTE DE EUGENIO DE MAGALHÃES

(*Recordando Eugenio de Magalhães-Coupeau*)

A EDUARDO DE SALAMONDE

Conheces "L'Assomoir" — um cataclysmo
Em que Paris-Coupeau se não governa
E vai, do soalheiro e da taverna,
Ao trémulo delirio do alcoolismo?

Nada subsiste são n'esse organismo
Que, em symptomas somaticos, se externa:
— O estado agudo ao chronico se alterna
N'um tremendo e fatal determinismo;

Chega á dypsomania e vem a morte.
Mas, quando, alucinado, horrido mixto
De epyleptico e louco, n'um transporte

De medo e de furor, cuida ter visto
Ratazanas que o agridem... treme forte...
— Morre. E Eugenio de Magalhães fez isto!

Rio, 16-VI-08.

## RUY BLAS

ESCORSO IMPRESSIONISTA DO DRAMA HUGOANO

*Interpretação Lambert-Silvain*

Era uma vez um Conde que abrazava
Ao inconcesso amor de uma Rainha,
Que certo Rei de Hespanha abandonava...
E, em vez de amor, só aversão lhe tinha.

Jurou tirar-lhe, então, dura e mesquinha
Vingança, qual de tornál-a amante e escrava
De um seu lacaio, que, depois lograva
Amar e ser amado da Rainha!

Mas Ruy Blas documento lhe assignára
De obedecêl-o em tudo e toda parte...
E — até ministro — cumpre o que jurára!

E, quando o Conde em zêlos se reparte
Ante a Rainha, e a insulta, e o desmascara...
Mata-o... e morre! — E' o romantismo n'Arte.

Rio, 23-VII-09.

## LE BAISER DE ROXANE

*À M. Carlos Porto Carreiro, à propos de son beau sonnet.*

Eh! mon ami, prenez garde!
Ne vous fiez á Rostand.
Vous le savez... il bavarde...
Eh! mon ami, prenez garde!
Pour tout ce que me regarde,
S'il vous plait, soyez Christian...
Mais... il bavarde... il bavarde...
Ne vous fiez à Rostand.

Ce doux baiser... ce "point rose
Sur l' "i" (é) du verbe aimer"...
Oh! c'est bien... bien autre chose...
Ce doux baiser... ce "point rose"...
Laissez... laissez qu'il repose
Où il a dû se placer...
Ce doux baiser... ce "point rose"...
Sur l' "i" (é) du verbe aimer!

À quoi bon ce "bruit d'abeille"?
Ce "secret"... ménage à trois?
S'il n'est pas pour votre oreille,
À quoi bon ce "bruit d'abeille"?
Vient d'une bouche vermeille
— Voie Christian — mais tout à moi!
À quoi bon ce "bruit d'abeille"...
S'il n'est qu'un ménage à trois?

Gascogne, le 17-XI-07.

## LE COR D'HERNANI

(*Reprise mi-séculaire du beau drame de Hugo*)

L'avez-vous écouté... le beau cor d'Hernani?
Un jour, au doux printemps de l'amour qui s'éveille
Au sein de Doña Sol, comme une fleur vermeille,
Au fond de la forêt, pour la vie, retentit.

Après, quand son amant, gentilhomme et bandit,
La dispute à l'amour du Roi qui la surveille
Et fait mettre un poignard au fond de la corbeille
Nuptiale du vieux Duc... au Roi il l'a ravi.

Mais, enfin, quand les deux, pour punir cette [offense,
Par leur amour jaloux devant son innocence,
Se rencontrent, au tombeau de Charlemagne, unis...

Et le Roi leur pardonnee... Et son epoux l'emporte...
— Il a sonné encor! — Il est mort! Elle est morte!
L'avez-vous écouté... le beau cor d'Hermani?

Rio, 28-VII-09.

## A NAVE

(*Fundação de Veneza e conquista do Mediterraneo*)

Escorço impressionista de tragedia d'Annunziana.

"Dove será la Patria"?
"Sulla Nave!"

"Enthrôna a prôa e zarpa para o Mundo!"
Nave d'Adria, á conquista do Tyrrheno!
Que Byzancio se curve ao teu aceno!
Gema-te á quilha o pélago profundo!

Nova Roma surgiu? Mas, si pequeno
E' o Mar, Veneza — a Nave — é todo o Mundo!
Constringe no teu bôjo o "Orbe-rotundo"!
Nave d'Avila, á conquista do Tyrrheno!

Que valem dissenções? Qu'importa o schisma?
Da estacada Veneza se levanta
E affronta divo ou humano cataclysma!

Para o céo, a "Basilica", que o espanta,
E, contra o mar, a nave, que o exorcisma!
— Nave d'Adria, ao Tyrrheno! A' guerra santa!

Rio, 11-V-09.

## EL DESDÉN CON EL DESDÉN

(Comedia en verso de Agustin Moreto)

Si vuestros ojos, Diana,
A los de Carlos volveis,
Algo en ellos vos teneis
Que vuestra boca profana,
Pues, si lo amais, no diceis.

Quedais, assi, con vos misma,
En cruel contradicción;
Pues, lo amando el corazón,
Vuestra boca lo sofisma,
Traendo vuestra pasión.

Pero, Señora, se engaña
Vuestra boca... y vos tanbien;
Pues los ojos que hablan bien
Serven mas, sin artimaña,
Al amor... do que al desdén.

Rio, 7-VIII-08.

## IDEAL

A GUERRA JUNQUEIRO,

Recordando uns versos seus.

"Et Dieu de l'araignée a fait le beau soleil."
VICTOR HUGO.

Eu vejo, ao pôr do sol, no vão de uma janella,
Uma aranha tecendo a melindrosa teia...
"Com esse doce amor, com essa paixão bella,
Com que o sabio cultiva a fina flor da ideia".

Quando um raio de luz lhe doira a fragil téla,
Em contracções febris, desce... pára... se alteia...
— E' coração aonde o sangue se atropela
E vai de arteria á arteria e vai de veia em veia.

E' harpa que estremece ao frémito do vento:
Cada fibra é uma corda e a aranha o movimento:
— Materia que se molda ao esforço genial.

E, como a arachnide em sua fragil téla
Que — Penélope — urdiu, meu cerebro, que o creia,
Vive dentro do seu meandrico idéal.

## A QUEDA DE SATAN

*Sobre uma pagina do "Paraizo Perdido" illustrado por Doré.*

/ \MARO AUGUSTO DE BARROS CORREIA

Despenhado nos bárathros profundos
Onde, na treva, se ennovelam mundos,
Triste, abatido, suarento, exangue,
Satan chorava lagrimas de sangue.

Immoto, azas cruzadas sobre o dorso,
Pungia-o, como a Judas, o remorso.
— "Si podesse morrer..." Mas nem a morte,
Que tudo extingue, lhe coubera em sorte!

Foi então que Eloah veiu, piedosa,
Beijar-lhe a fronte, meiga e carinhosa,
— Satan, por entre lagrimas, sorri...

E ella, ao ver-lhe o nunca enxuto pranto:
— "Por que choras, Satan?"
— "Eu soffro tanto!..."
— "Ah! Nunca amaste!"
— "Eu?... Não! Nunca te vi"!

Rio.

## ELECTRA

*Escorço impressionista da tragedia Sophocleana, representada, pela primeira vez, em Athenas, no anno 420, ant. J.C. e, no Rio de Janeiro, em 29 de Julho de 1909.*

Electra, Mme. Louise Silvain — Oreste, A. Lambert Fls.

A Reis Carvalho.

Horror! Como um espectro, allucinada,
Ante Diana, que ultrajára tanto
Sua mãi Clytemnestra, e o intuito santo
De a Agamemnon vingar a honra ultrajada,

Passa, arrastando Erynnias no seu manto;
E, emquanto aguarda Oreste, alma penada,
Interjecta do Côro a voz sagrada,
Bradando — "Horror!" — pontificando o espanto!

Eil-o a volver, porém, trazendo, em vaso,
As proprias cinzas, d'onde, em curto prazo,
Como a Phenix, renasce, vingador!

Volve... E apavora o lance nunca visto!
— Trucida Clytemnestra! Occida Egistho!
Electra está vingada... Horror! Horror!

Theatro Lyrico, em 29-VII-09.

## OEDIPO-REI

ESCORÇO DA TRAGEDIA SOPHOCLEANA

*Impressão Salvini-Oedipo*

"Decifra-me ou, então, és devorado!"
— E o segredo da Sphynge decifraste,
Oedipo! E foste Rei — pois libertaste
Thebas, que o "Monstro" havia devastado!

Mas... "Filho da Fortuna" infortunado!
Foi teu throno e destino o que jogaste;
— Pois tua mãi — Jocasta — desposaste,
Tendo Laio — teu pai — assassinado!

E, parrecida, incestuoso, insano,
Quando, em nervosas roscas de serpente
A estortegar de dor, soubeste o arcano...

Vasando o olhar, rugiste, sobrehumano:
"Sol! não mais te verei, ó sol ridente!"
— E immergiste no Ægêo... — Salviniano!

Rio, 16-VII-07.

## OLHOS FUNEREOS

*Sobre uma pagina dos "Poemas da Morte"*

Olhos funereos... sim! cuido ter visto
Certos olhos assim: negros e fundos;
Mais negros que os abysmos mais profundos
Que illuminasse uma alma de Mephisto.

Eram como dois charcos onde um mixto
De luz e treva — ambiente de dois mundos...
— Olhos que matam! Olhos moribundos! —
Tinham a attracção do olhar que tentou Christo.

Mas olhos eram esses de serpente
— Lubricos, máos, magneticos, velados, —
Trahindo toda a podridão latente:

Paixão, ciume e odio, juntamente...
Como á vasa a ardentia, em tons prateados:
— Olhos funereos... que dão morte á gente!

## LA NIÑA BOBA

MARIA GUERRERO Y LOPE DE VEGA

En la noche de su estrena nel "Lyrico"

*Por el telegráfo sin hilo del pensamiento.*

— Buena noche, Señor Lope de Vega.
— Buena noche, Clarita... Que salero!
— Es que soy "Niña Boba"... y soy Guerrero.
— Es lo mismo — su padre no te nega.

— Es que á su padre el amor proprio cega;
Soy de su hija espejo verdadero...
— Aún correra yo el mundo intero,
Otra Niña no hay... nadie te llega!

— Pero, padre y Señor, tua es mi gloria;
Pues, en "La Niña Boba", has sorprendido
De toda niña la temprana historia...

— Que has tu genialmente comprendido!
— Del amor sobre el genio es la victoria;
Bien la hiciste...

— Y has tu mejor vivido!

Rio, 31-VII-08.

## PELA MULHER

Mentira! Ella inda é boa e carinhosa e terna!
Mulher do lar, da rua, intelligente, instruida,
E' diamante bom que a educação lapida,
Vá, si quizer, ao templo; arranquem-n'a á taverna.

Porque, á grande luz da civilisação moderna,
E' torpe esse grilhão que a traz sempre jungida
De um marido ou de um padre á Fé nem sempre fida,
Como a victima ao algoz, como a grilheta á perna,

Qualquer que seja a idade, o clima, o tempera-
[mento,
E' erguel-a até nós, lustrando o sentimento;
Por que ella é mais que a femea, é mais que a sensação.

Na curva musical então de um casto seio,
Em vez do amor sensual, em vez do devaneio,
Ha de escutar-se a voz de um nobre coração.

São Paulo, 1876.

## ALMA DE POETA...

(Lendo Aretino)

Como glauca e espumante carneirada,
Onda após onda, ondeando, o mar ondeia
Transborda em preamar de lua cheia.
Cai, refrescando, a brisa salitrada.

E a gaivota, a voar d'aza espalmada
Na curva da mareta, o vôo alteia,
De medo ao ponto negro que receia,
Para abrigar-se em rocha, êrma e escarpada.

Assim a alma do Poeta: — ama e... se esqueira!
Pobre alma de Poeta! E' teu destino
Bailar na onda e êrmar n'uma pedreira?

Mas eu prefiro então, vesgo Aretino,
O do albatroz, que prêa e agachadeira
E se ergue... — e fita o grande Sol em pino!

## NA PAGINA 190 DE "O DESENCANTADO ENCANTAMENTO"

*Leves impressões visuaes de leitura, em rimas graves do mais pesado que o ar.*

São — sim, sessenta bolhas de sabão
Que vem surgindo e se desprendem no ar,
De um cyatho de illuso coração
Por desilluso tubo capillar;
E, librando, descrevem n'amplidão
Hyperboles de iriante luz solar,
Vialacteando abstracta solidão.
Como esfiadas gemmas de um collar;
Mas aqui, ao sopro da branda viração,
Rebentam, cuspinhando, em seu logar,
De acetada saliva a erosão
Que a Arte pela Arte sóe mirabolar:
E encanta a vista, e trahe um coração
Que, "encantado", se quer "desencantar"...
— Sessenta photospheras de sabão
Que espectram refractada luz solar!

GENERINO.

Rio, 28 de Dante, 139-73.

Para a prima "Rosalina" o primo "Generino", — já agora "poeta profundo em cujo verso o pensamento é suprema harmonia", — depois da sua dedicatoria.

## GERMINAL

Film d'Arte, segundo Emilio Zola edictado por Pathé Frères.

*Impressão cinematographica*

"Estamos no mez de Maio; Lantier lembra-se do "Germinal", nutrindo a esperança de que verá um dia florescer para todos os homens o direito á vida e á felicidade."

Desci, como Zola, á mina onde o trabalho
Do "proletario" é miserando e triste...
— Onde, faminto, o "humano rebutalho —"
Labora o inferno que, lá em baixo, existe!

Vi, na miseria, o amor em que consiste.
E quanto vale o esforço com que o malho
Extrái o negro e mineral cascalho
Que alenta a industria — e ao capital resiste!

No coração da terra ardia em greve
O humano coração, que abranda em breve...
— E inunda a mina Soinerine — o antiste...

Por toda parte, a fome, o odio, a morte!
— Não vi o amor — esse mineiro forte
Que podia salval-a... — E sahi, triste!

Rio, 10-X-913.

## GERMINAL

2.º

Por que tão fero eunïsmo e odio sem nome,
Si é o capital trabalho accumulado
Que o presente recebe dò passado
E transmitte ao porvir, matando a fome?

Produz todo homem mais do que consome.
E consome n'um tempo tresdobrado:
D'ahi, trabalho — ou capital — poupado...
— Que, quem menos trabalha, é quem mais come!

E por que esse odio e gesto carniceiro
Contra o capitalista? E' interesseiro?
— Sem capital, labor... seria morte.

"Não cabem dois proveitos n'um só sacco?"
— E' que se não dedica o forte ao fraco,
Nem o fraco venera assás o forte!

## GERMINAL

3.º

E a gréve irrompe, bebeda de sangue,
Na superficie ou coração da terra:
— Guerra civil, é a fratricida guerra,
Em que, vencido, é o vencedor exangue!

Não remedeia e a industria humana entangue
— Negação de concurso a quem aberra,
Tão só, é a solução que jámais erra:
— Accordo e abstenção — nada de sangue!

Dia ha de vir, então, em que o trabalho
Será dignificado e — penna ou malho —
Terá direito á vida e á felicidade.

Mas quando, ao capital encorporado,
Forem por social moralisado
No regimen do amor da Humanidade.

M. G. — Rio, 10-X-913.

## NO VENTRE DE PARIS

*Na última pagina de "Paris", o celebre romance de* EMILIO ZOLA.

Notre Dame celebra a sumptuosa festa
Do Jubileu da Paschoa e a nave regorgita
Da fina flor turista ou que Paris habita.
Pontifica o arcebispo, em clerical floresta.

Com o "aristo" communga a burguezia infesta
A mesma hostia entre as mãos venáes do grã-levita
Que os bens da Terra empilha, emquanto necessita
De pão — pão para a prole — a proletaria honesta.

E, emquanto ondula o incenso e o orgão suspira
[humano,
Tamtamico rumor longinquo de oceano
Mina-lhe o baixo ventre, em funda cicatriz:

— E' Magnus que lhe põe, na cava, dynamite...
Fogo ateia ao estupim e foge, por que evita
A morte... deixando-a arder no ventre de Paris!

## O ULTIMO PASSO DE "DON QUIJOTE"

*Commemorando o Terceiro Centenario da sua morte*

Morreu. Depois de morto e sepultado,
Ninguem mais cubiçou-lhe a triste alcunha.
— Viram-n'o, em bibliotheca da Corunha,
Contra a propria figura revoltado!

Chorára, ao ver-se tão calumniado,
Elle que tanto amára e, amando, punha
O engenho e coração, de que dispunha,
Em servir, ardoroso, o objecto amado!

E, sobre não sei qu'impia illuminura
Onde o escarneo em maldade se bi-parte,
D'esse pranto só resta... a mancha escura!

Passou d'ahi para os dominios d'Arte.
E, agora, é uma symbolica figura:
— Não é ninguem... mas vê-se em toda parte!

Rio, 11-VI-09.

## NA ESCUDELA DE SANCHO PANÇA

*No Terceiro Centenario da morte de Don Quijote*

Sancho amigo — Senhor da Baratária —
(Larga espadua, amplo ventre e anca ultra-ancha)
Que, a par do nome seu que enchera a Mancha,
Lhe encheste toda a chronica lendaria!

Máo grado a metaphysica alimária
Em que teu nédio corpanzil se escancha,
Como em throno que oscilla e se desmancha...
Symbolisas, como elle, a sorte vária!

Mas, emquanto o "Engenhoso Cavalheiro"
De lança em riste, agigantando moinhos,
"Dulcineava" heroica insensatez,

Carneiro, para ti, era carneiro...
Que ias papando ao longo dos caminhos,
Com teu senso commum de bom burguez!

Rio, 11-VI-09.

## ULTIMOS MOMENTOS DE DON QUIJOTE

*Na derradeira pagina da Cavalheiresca Epopéia de Cervantes.*

Quando, já moribundo, o olhar vidrado
N'algum sitio embebido, êrmo e saudoso,
O Heróe Manchego anciava, angustioso,
No fido peito do escudeiro amado,

Como si — Rossinante alucinado —
Lhe viesse o idéal, por valle umbroso,
Empós de Dulcinéa de Toboso,
Por quem justára, ardente e apaixonado:

Relembrando, com magua e com ternura,
Tanto *"punto d'honor"*, que á Media Idade
Legára amorosissima cultura.

Moral pallôr todo seu corpo invade...
— E seu ultimo alento e ûa mistura
De heroismo, de amor e de saudade.

# NO CENTENARIO DA DAMA DAS CAMELIAS

*Rehabilitando sua calumniada memoria* (*)

*Si natura negat, facit indignatio versum, qualemcum que potest.*

JUVENAL.

Margarida Gauthier... Pobre Alfonsina
Plessis ou Duplessis, que, ha um seculo, morta,
Inda surges da fúnebre retorta
Do Père-La Chaise como... messalina!

Aquino em vão protesta e nos reporta
Que, sendo uma honestissima menina
Proletaria, tiveste a triste sina
De amar um Conde, cujo pai te exhorta

---

(*) Com o judicioso depoimento pessoal do Dr. Joaquim de Aquino Fonseca, illustre e extincto clinico pernambucano, formado em medicina pela Universidade de Paris e amigo intimo do supposto Armando Duval, protagonista deste romantico drama dolorosamente vivido, — como elle Duval o era tambem de Alexandre Dumas Filho, a quem o Dr. Aquino increpa de haver trahido a confiança de um Conde seu amigo (sic) e, por amor á Arte, calumniado aquella Dama; depoimento publicado em extenso e bem lançado artigo, inserto na 8.ª pagina do "Diario de Pernambuco", de Manoel Figuerôa de Faria, em uma de suas edições (cita-se de recordação), vide no anno de 1865 ou 1866.

Segundo esse testemunho — e admira que Franklin Tavora, nosso contemporaneo no Recife, o não tenha lido, o caso se teria dado assim: — Certo Conde, cujo nome me não occorre agora, se teria

A pôr o filho, que te amava, á porta...
Ambos sacrificando á guilhotina
De um preconceito que te rende... morta!

E has de ser sempre a eterna Messalina
Que, entre camelias, n'uma orgia fina,
O romantismo de um Dumas... aborta!

---

louca e verdadeiramente apaixonado por Alfonsina, moça honesta mas de origem plebéa, que vivia do seu trabalho e tambem verdadeira e apaixonadamente o amava; e, com ella, se quizera esfarçadamente casar. Sua familia, porém, que imbuida do mais arraigado preconceito de casta, se achava um tanto arruinada, fiel a compromisso anterior ou visando talvez alguma alliança de conveniencia, que viesse, a um tempo, salvar-lhe a precaridade da situação e a nobreza da linhagem, oppoz-se terminantemente a esse casamento. Pelo que, com ella rompeu o Conde, indo viver com sua bem amada, que já, então tudo lhe havia sacrificado.

E assim foi que, em desespero de causa, vencendo todas as resistencias de sua aristocratica e hypertrophiada vaidade, resolveu seu velho pai apellar directa e patheticamente para o bem formado coração de Alfonsina e, lançando-se-lhe aos pés, egoisticamente pediu-lhe, em emocionante scena (a que Sarah Bernardth e Eleonora Duse imprimiam todo o cunho do seu genio), que, a bem da felicidade de seu amado e familia, lhe jurasse renunciar ao puro, verdadeiro e abrasado amor que lhe votava: juramento que alfim lhe arrancou e ella religiosamente cumpriu, sacrificando-lhe tambem a propria vida, pois, já minada por insidiosa tuberculose, logo depois morreu, legando-lhe apenas, com objectiva viuvez, o culto doce-amargo da saudade que, longo tempo se traduziu pelas symbolicas e melindrosas flores que ella em vida tanto amara e lhe ornaram a sepultura na necropole sagrada da capital humana onde popularmente a cognominam "Senhora das Camelias"; mas patenteando tambem que não foi elle um "coureur de femmes" nem ella a venusta e impudica cortezã que o dyonisiaco cabotinismo de Dumas Filho poz em scena.

## QUASIMODO

(*D'après Coquelin Aimé*)

E tambem tu, Quasimodo, tens alma...
Tens para o amor um coração que escalda...
Bathracio humano, adoras Esmeralda!
Amas, lagarta immunda, a verde palma!

E, á mól dessa paixão, que não se acalma,
E' ella nem mesmo, *compassiva*, malda,
E's como Atlas, trazendo sobre a espalda
Um mundo, de que és a crôsta e ella é a alma!

Dil-o tua canção, que é como um grito
De desespêro e dôr para o infinito,
Onde paira a isenção do seu pudor.

E provaste-o, impellindo, como Eólo,
Do alto de "Notre Dame", Jacques Frólo
Para o abysmo... que a salva e é teu amor!

## A JANELLA DO OCCIDENTE

A Antonio Feijó

*na ultima pagina do seu poema deste titulo.*

Contemplo e vejo: — Humana maravilha
A alma humana é o que vê por toda parte!
Synthese enorme concretisa a Arte
Que a Sciencia, analytica, esmerilha.

E que Scencia e Arte são partilha
De amoroso idéal que se biparte
E erige a Torre Eiffél no chão de Marte
E a Virgem-Mãi nos corações que humilha.

E, enveredando a trilha do progresso
Que é do futuro a luminosa trilha
Por onde o Amor e a Ordem têm ingresso,

Esbóça um novo culto á Virgem-Filha,
Que a si mesma engendrou por tal processo.
— Contemplo e pásmo: Humana maravilha!

## BENVOLIO

*Relendo scenas de uma tragedia, esboçada por Annibal Falcão no 30º dia da sua transformação objectiva.*

A Alfredo, Sylvia e Luiz Falcão.

Elle era û'alma rija e adamantina
Que, á alta pressão da vida e o meio, estala:
Coração, em que amor tudo avassalla,
E onde um sangue de heróe bulha e casquina.

Lembrava antiga espada florentina,
Cuja flexivel lámina açacála...
... Uma lágrima ardente que resvala
Por um sorriso frio que assassina!

Tudo ali reflectia: sciencia e arte;
Mas n'uma cinzelura de Cellini,
Em que Minerva corôasse Marte...

Quando, sob um balcão que se illumina,
Ao canto d'uma rua, em toda parte,
Aterrasse Benvolio a algum Marini!

## MANHÃ DE SOL

*Dialogando uma "Dolora" de Campoamôr*

INTERPRETAÇÃO MARIA GUERRERO

Agora que, extenuados da jornada
Desta vida, ambos nós envelhecemos,
Nesta discreta curva d'êrma estrada
Paremos, um instante, e, conversemos.

— Ah! es tu mesmo?
— Oh! como estás mudada...
— E' que... Ha quanto tempo nos não vemos!
— Eu, do que fui, nada mais resta... nada!
— Eu, do que sou, escuta... nem falemos!

— E que ha de ser de nós, nós dois, agora,
Si de nós ambos nada mais nos resta!
— A vida gasta...
— O tempo nos devora!
— Lareira extincta...
— Ruinaria em festa...
— Manhã de sol que aqueça uma "Dolora"!...
— E dizer que este... é aquelle!
— E aquella é esta!

## NA ÚLTIMA PÁGINA DAS "CANÇÕES DO INVERNO"

*(Impressão de leitura)*

Ao Poeta e amigo Jeronymo Simões

N'este livro d'antanho ha muita rosa,
Mas se occulta, em cada uma, acerbo espinho.
— Dir-se-hia as plantára alma ditosa
E que um cego as colhêra em seu caminho!
E' que as orvalha lagrima saudosa
De cego beija-flor, preso em seu ninho.
Milton "conhece pelo espinho a rosa";
— Eu, pela rosa, é que conheço o espinho.

Rio, 18-VI-09.

## SHILOCK

Tua libra de carne — acre perfume
De ignobil capital, judeu tinhoso —
Conduz ás satyriasis do gozo
E a megalomania então resume.

O capital humano é generoso:
Detesta a ozena; altruista se presume:
— Circúla como o sangue — e nunca é estrume;
— Dá-se a quem n'o fecunda — e é mais rendoso.

Tu fizeste de um juro desvairado
Fragil corda de misero enforcado
Que se partiu nas mãos do avaro algoz...

Fôra ele, porém, sacrificado!
— Que bem te fôra a haveres bem cortado?
— Lavra a seára de Ruth, impio Booz!

Theatro Municipal — Rio, 912.

## A ORDEM E O PROGRESSO

Bem como a área de um polygono, inscripto
A um circulo, varia de existencia,
A' medida que cresce ao infinito,
Sem jámais vir a ser circumferencia;

Mas, quanto for maior essa tendencia,
Tanto o espaço a attingil-a é mais restricto,
E — reciproca — menor a convergencia,
Mais o espaço abrangido é indefinito:

— Assim, na ordem social, que incita
A agir, nunca o progresso é indefinido,
Pois desenvolve-a — apenas — o progresso;

Sempre maior é o espaço percorrido
Que o espaço a percorrer — e o delimita.
Illimitado, nega e induz regresso.

L. G. — Rio, 29-VIII-912.

## POOR YORICH...

*Recordando Hamleto e a "Canção dos Coveiros", de* SHAKESPEARE

Triste de quem na vida, êrma e sombria,
Sente a garra fatal da desventura,
Como um pezadêlo ou na loucura,
Empolgar-lhe á cerviz a alma erradia!

Esse, que, sem descanço, noite e dia,
Padece estranho mal que não tem cura,
Vai lentamente entrando a sepultura
Em vida, ao som de fúnebre algemia!

E, quando já de tudo nada resta,
Mais que sanie e ossaria careada,
Vasio craneo que — "o que foi" — atesta...

"Grande infeliz" — soluça alma penada —
— Talvez! — inda lhe fôra o mundo... festa,
Se não volvesse... os "istero do Nada!"

# A INTERROGAÇÃO DE HAMLET

A EMANUEL

*na noite de seu beneficio.*

Essere o non essere, ecco il problema...
— Shakespeare Hamlet — Act. III sec. II.

Não sei quem és! *Othelo?* — O teu ciume assombra!
*Nero* — o imperial clown — sumptuosamente immundo?
— Que grande artista applaude, em ti, perdendo-o, o [mundo.
E's do principe *Hamleto* a alucinada sombra.

Que tacteia a vingança e a morte ao réo d'alfombra,
Quando o espectro paterno escuta, moribundo?
Serás tu do *Bastardo* o orgulho e o amor profundo?
Ou do extincto *Arduino* o ardor que a morte ensombra?

*Loris* ou *Sartoris?* E' o nome teu, *Corrado,*
Contra a morte civil protesto envenenado?
*Figaro* ou *Mercadet?* Qual nome has tu Prothêo?

E's Shakespeare? Morelli? ou Cossa? ou Giacometti?
Balzac ou Beaumarchais? Qual delles te compete,
Emanuel? — Nenhum? Mas... todos! — digo-o eu.

## RESOLVENDO O PROBLEMA DE HAMLETO

No centenario de Shakspeare

"To be or no to be, that's the question".

"Ser ou não ser"... Hamleto, olha: a existencia
E' continua mas triplice corrente,
Que circula o Planeta alternamente,
Renovando-lhe a face e a humana sciencia.

Já o fluido, é o sangue, é a cerebral potencia,
Que, no assomos, no istero e na mente,
Produz a vida e o estado consciente
Ou a mudança de estado e outra existencia.

E, si tudo que existe se transforma;
Si, o que nasce, evolúe, definha e morre;
Si o individuo é que plasma a Sociedade:

E' transformando a antiga em nova forma,
Que, numa parthogenese que occorre,
Revive e se renova a Humanidade.

## COVEIROS DE SHAKESPEARE...

Que riam! — Deixa-os rir, — que certo riso
Só mata o que está morto e é desprezivel.
— A's mais das vezes — facto incoercivel —
Nuns é saude e noutros pouco sizo.

Traduz estado d'alma irresistivel
Em que os nervos cachimam como um pingo
Desopilando o baço pelo juizo
Num rictus facial, chimico e visivel.

Mas tambem que farão cabeças ocas
Do zumbidor e nauzeabundo enxame
De perdigotos que lhes vêm ás boccas

Shakespeares coveiros do *reclame*
Despejal-os á esquina como toucas
*Venuti al mondo sol per far letame!*

111-1899.

## DIÁLOGO DE OLHARES

(*Scena Muda*)

Pièrre Corneille — Le Cid, act. IV, scen. 2.ª, in fine.

IMPRESSÃO ERNESTO ROSSI-AURELIA PALADINE

Quando, da vez primeira, eu vi Ernesto Rossi,
No olympico esplendor da máscula belleza
E ao seu genio e arte em plena realeza,
Foi no "Cid" — E em mim teve observador precoce.

Rodrigo, tendo já sacrificado a posse
De Ximena ao dever — pundonorosa preza! —
Lhe diz o ultimo adeus... E parte, com tristeza...
Segue-o seu longo olhar... Volta-se Ruy, veloce,

E olharam-se... — Que olhar! Quanto ha de mais
[profundo
No humano coração, como incendido mundo
De amor... que mais não ha pincel em mão que o
[esboce

Havia desse infindo olhar sobola onda...
E eu senti que ha um rival do riso de Joconda:
— O olhar da Paladine... o olhar de Ernesto Rossi!

## ARS-MORS SED NON MORTA

Oh! Não! Não cuides que a Arte, Artista, esteja
[morta!
Com a sciencia, que a inspira, e a industria, que a
[diffunde,
No tempo, evoluiu; no espaço, se confunde,
Perdendo, em dignidade, o que, em extensão, comporta.

Porque, si a industria é o humano esforço em que
[se funde
Quanto, abstracta, a sciencia abrange — e nos conforta,
A Arte, concretisando o que o saber lhe infunde,
Como ácido, reage e, entre ambas, se comporta.

Que implica que o cinema e as artes da graphia
Da forma, e côr e som, lhe roubem a poesia,
Que a sciencia vai ganhando e a inutação perdeu!

Padecerá o Artista ultra-dantesco inferno...
Mas a Arte ha de viver, porque a Arte é o fogo eterno
Que á sciencia e á industria rouba o Artista — Pro-
[methêo.

Morro da Gloria, Rio, 21-III-915.

## TE NOVUM REFERT FLUCTUS...

*Recordando a aventureira "Nave" d'Annunzio.*

Muda, Nave de Italia, o rumo e aferra;
Que o Mar d'Adria é bem mar do mundo inteiro.
Refreia o inquieto espirito guerreiro!
Onde irás tu? De novo á cruenta guerra?

Dominou Roma, outr'ora, toda a Terra;
Foi-te Veneza heraldico estaleiro;
Mas, que á Roma, esgotado o teu celeiro?
Veneza, si São Marcos se soterra?

Ninguem póde inverter o fatal curso
A' Humana Evolução que se resume,
Em vez de lucta, em social concurso!

E, pois, não queiras annexando Fiume
E a Dalmacia, enfunar... a pelle do Urso!
— Nave de Italia! O egoismo é um falso Nume...

## LENDO BOCAGE

"Si é doce no recente ameno estio
Ver tornar-se a manhã de bellas flores
E, lambendo as areias e os verdores
Molle e queixoso destuar-se o rio.

Si é doce no innocente desafio
Ouvirem-se os volateis trovadores
Seus versos modulando e seus ardores
D'entre os aromas do pomar sombrio

Si é doce mar e céos ver anilados
Pela quadra gentil de primavera
Que esperta os corações, flores e prados.

Mais doce é ver-te de meus ais rendida
Dar-me em teus brandos olhos desmaiado
Morte, morte de amor, melhor que a vida.
Tu, que no pego impuro das orgias

Mergulharas a fronte, descontente;
E, d'ali vindo a tona, de repente,
Cheias as mãos de perolas trazias;

Tu, que do amor e pelo amor vivias,
E que, como da limpida nascente,
Dos olhos e dos labios a torrente
Dos versos e das lagrimas vertias

Mestre querido, viverás emquanto
Houver quem pulse uma lyra instrumento
E preze a lingua que prezaste tanto.

E emquanto houver um poeta no Universo
Que cante o amor, cantando o soffrimento,
Ha de teu nome celebrar em verso.

## A LOÚCURA DE LEAR

Rei Lear, eu comprehendo-te a loucura.
— A ingratidão é um'aspide asquerosa
Que morde a mão que a afaga, descuidosa...
E impeçonha a existencia inda a mais pura!

Morde e inocúla o virus que satura
Todo o organismo em dôr angustiosa;
E, quando o instincto reproductor introsa
O da conservação... rompe-o em loucura

Tu, que chegaste a amar ingratas filhas,
Ao ponto de casál-as a inimigos,
Com quem teu reino e bem estar partilhas

Resigna-te a soffrer tão vis castigos
Bem conheço a vereda que tu trilhas...
— Filhas não tenho: tive alguns amigos...

## REI-LEAR

"Casa monstruosa!... Casa monstruosa!"
REI LEAR.

Esse que vês — um Rei — seu reino em vida
Entre cúpidas filhas partilhara
E só piedade achou, achou guarida
Na que, por ser sincera, desherdara!

E' Lear. — Dentro da noite espavorida
Galopa o furacão que uiva e dispara,
Sentindo-lhe á garupa, que empinara,
O desvario da razão perdida!

Creara em Gonevilla, houve em Regana,
— "Sua carne e seu sangue!" — aspide humana
Que lhe feriu de morte o coração.

E, empeçonhada a fonte da existencia,
Eil-o a bradar á humana consciencia:
"Que monstruosa coisa, a ingratidão!"

Theatro Municipal — Rio, 912,

## A ERMETE NOVELLI

*Por occasião da sua serata d'onore.*

"Si vis me flere, dolendum est" — Hor.

Na musculo-facial mobilidade
Do teu viso, protheico e multiforme,
Todo o segredo da tua Arte dorme...
E desperta á sem par genialidade?

Desde o rictus da comica maldade
Até da farça á casquinada enorme,
Onde talvez a lagrima se forme...
Viva, a ficção, transmuda, á realidade!

Mas, quando envergas da tragedia o manto,
Esgara o rictus, muda-se o riso em pranto,
Rompe a paixão em dôr que a dôr impelle;

E, então, sente-se n'alma o calefrio
Que arripia a alma humana em tresvario...
— E só produz o genio: de um Novelli!

Theatro Municipal — Rio, 9-XV-912.

## TENTAÇÃO DE SANTO ANTÃO

*(D'après Goya e Gustave Flaubert)*

Na penumbra da cella, o austero Cenobita
Orando está no seu genuflexorio
N'um extase supremo e alheiatorio
De quanto em derredor, no seculo, se agita.

E eis que o cenobio que elle habita
Se illumina e transmuda em mago espelho interno,
Aonde, n'um delirio suasorio,
Pandemonio infernal quanto é paixão erocita.

Em balsamico ambiente sonoroso
Bellezas sensuáes, cuja nudez escita
Solicitam-lhe a carne para o gozo...

Mordida do desejo, a carne ao gozo o incita...
Mas, resistindo a tentação, virtuosa,
Na exorcismada cella, expira o Cenobita.

## REPUBLICAE PALLADIUM

Crença era outr'ora da troyanna gente
Que uma estatua de Pallas lhe viera
Do céo e aos seus destinos se prendera.
— E velava, guardando-a eternamente.

"Que, emquanto Troya em cidadella a houvera
Não ruira jamais". — E foi somente
Quando Ulysses raptou-a astutamente
Que cahiu em poder da tenra gente.

Assim, Pallas do cerco de Setembro,
Que a Republica armara para a guerra
E não comporta com a ponta ao teu gladio

Heroe dentre os heroes que amo e relembro
Em quanto for teu nome nesta terra
Ella não ruirá que és seu palladio.

# A ARTE

Ao artista dramatico

CARLOS AMOEDO

*Em a noite do seu beneficio*

Point de contraintes fausses!
Mais que pour marcher droit
Tu chausses,
Muse, un cothurne étroit.

THEOPHILE GAUTIER — *L'art.*

Artista, outr'ora a Arte, olympica, triumphante,
Surgiu dentre os trophéos da Hellade formosa,
Como a Venus pagan da onda harmoniosa,
Com o Promethêo do Eschylo e a Beatriz do Dante.

Ella era a Idéa e a Força, — a encarnação brilhante
Do supremo idéal, — a Deusa portentosa
Que produziu de Homero a épica assombrosa,
Que viu Gœthe no berço e Shakspeare infante.

Foi quando descreveu a curva magnifica,
Que derramou na Europa a claridão prolifica,
O sol grego-romano, — o irmão de Vichnou.

Então, desceu do Olympo a mysteriosa Deusa;
Entrou com Molière em plena Natureza:
Chamou-se Realismo... e o Realismo és Tu.

S. Paulo (Jacarehy), 2 de Setembro de 1876.

## NERONE

*Impressão Emanuelina*

Sob o manto do Imperio, onde, em falerno,
Ebrio, delira um coração de hyena,
— Régio histrião que á morte se condemna,
E, mais que á morte, a opprobio sempiterno;

Nero sente do tedio o intimo inferno,
E abrasa Roma, e lucta sobre a arêna,
Canta ao triclinio e esculpta a Anadiomena,
Emquanto arde sinistro o incendio eterno!

O megalo-maniaco farçante
Desce ao circo, onde um povo moribundo
Acclama... Galba — o Cesar triumphante.

E morre de pavor — rafeiro immundo —
Ganindo á fria lamina cortante:
— "Que grande artista vai perder o mundo!"

## OPHELIA

(*Impressão de Virginia Reiter*)

Corôada de lichens e de flores,
No suave delirio da loucura,
— Sombra que a mão fatal da desventura
Impelisse a vagar penando amores,

Loira e bella e ideal e meiga e pura,
Pobre Ophelia! onde irás, que as tuas dores
Te não sigam, chorando entre os clamores
De tua voz que diz de sepultura?

Miserrima! Onde irás achar conforto
Para essa dôr que vence na tristeza
Dôr de Mãi que acalenta o filho morto?

Ah! ninguem foge ás leis da natureza!
E eu te vejo já morta — ai triste e absorto
Como um lyrio, a boiar na correnteza!...

Rio, 9-8-1890.

## JOÃO CAETANO

Trajando o alto cothurno e a tunica romana,
Na fronte inda encamada a laurea de victoria,
Eil-o que assoma e desce a ribalta da Historia,
Lanceando em torno o olhar á plebe soberana

Vai fallar... Vai dizer que á Patria onde a alma
[humana
Amou e desse amor perdura-lhe a memoria;
Onde se soffre, amando, e morre-se com gloria.
Vai dizer... Mas o sangue em onda lhe espadana...

Treme-lhe a voz... descora o gesto soberano...
E, ao ver o filho amado apunhal-o, insano,
"Ave, Cesar!" bradando... altivo e desdenhoso

Embuçado no manto imperial do Genio,
"Até tu, Bruto!" exclamou. — E tomba no proscenio
Tomba e vai-se esbatendo em sombras mas glorioso!

## A GARGALHADA

*Viva impressão de João Caetano através longinqua recordação da infancia*

Annos oito contava, anno por anno,
Quando no "Apollo" em minha Terra amada,
Eu vi representar o João Caetano
Um drama de Bourgain — "A Gargalhada".

Como Arte, o drama não valia nada:
— Vivia um burocrata leviano
Que se torna falsario e, por seu damno,
Descoberto, enlouquece e... — gargalhada!

Mas, que scena! — Eu o vi preso á carteira,
— Estatua a que o pregão da costaneira
Cortara a voz... — saccal-a em gargalhada.

E a retinir, dobrando, pavorosa
— Transpondo esta recordação saudosa —
Inda me punge a doida gargalhada.

## JULIETTA E ROMEO

*Impressão esthetica de Julieta — Tina de Lorenzo*

A' GENIAL ARTISTA

Tina, onde foste haurir o mago lume
D'esse luar de amor com que Julieta,
N'uns estos de paixão, funda e secreta,
Enfeitiça Romeu, como um perfume?

Teu artistico amor "Vive" e resume
Quanto creára o genial Poeta:
— E's bem desse Romeu a alma irrequieta?
— Esse Romeu é bem teu almo lume?

E, em todo o drama — idylico dueto —
Chromatisa-te a voz o genio immenso,
O immenso amor que encanta este soneto!

Onde o hauriste? Em teu amor intenso?
— E não és tu Julieta Capuleto!
— E não és mais que... Tina de Lorenzo!

Theatro Lyrico, 9-VI-06.

## A' EMANUEL

*O celebre Tragico Italiano na sua serata d'onore*

Ah! il mio pensiero fatidico
Shakespeare — Hamlet, Act. I Sec. 3.ª

Ao ver-te, perguntaram o que era a Arte.
E eu, que bem sei que a Arte é a Natureza,
Não tal qual ella é, mas, com certeza,
Como o artista a sentiu por toda parte,

Vendo-a através de ti, puz-me a estudar-te
E achei que lhe imprimias tal grandeza,
Que bem não sei si era a natureza
Humana aquillo... e disse: Aquillo é Arte.

Quando te vi, porém, punindo o crime,
Surprehender no Hamleto a alma humana
Em flagrante delicto do sublime...

Quando te vi, de rastos no proscenio,
Silvar á enorme dôr shakesperiana...
— "E' mais do que Arte — disse — Aquillo é Genio.

## A' EMANUEL

*Partindo para Buenos-Ayres*

Chegaste e vais partir! E vais partir, levando
Comtigo a grande arte e o nosso amor profundo.
O nosso amor... Mas como é estreito o Novo Mundo
Por contêl-o, e a saudade atroz que o está magoando!

Partes e vai comtigo o immorredouro bando
Das creações geniaes, que o genio teu, jocundo,
Do passado evocára á vida de um segundo.
— Não voltarás jamais? Talvez... talvez! mas quando?

Ai quando, alma divina, o sopro do teu genio,
Allucinando tudo, ao inanime proscenio
Vida real trará, n'uma illusão febril?

E vais partir! Mas parte... e volve, artista e amigo,
Que a nossa admiração, saudosa, vai comtigo;
Vai comtigo a noss'alma: e aguarda-te o Brasil.

Rio, 21 de Setembro de 1887.

## GIOCONDA

(D'APRÈS D'ANNUNZIO)

*Impressão Della Guardia*

"Picola come una gemma, grande come un destino, piú forte che la morte."

Si n'este nevropathico delirio
D'arte, em que o amor da carne ou o amor da obra
Desequilibra, e o cerebro sossobra
N'uma alucinação que é atroz martyrio;

Si o que ha de mais puro, como um lyrio,
E de mais venenoso, como a cobra,
Se condensa no genio que desdobra
Azas no espaço e fulge como Syrio;

Si a alma, que vibra e canta como um hymno,
Nem mais refolhos tem onde se esconda,
Como uma gemma, ao seu fatal destino;

Si, em pérolas rolando, de onda em onda,
Vai-te, em Setalla, o pranto crystalino:
— Statua ou mulher, quem és? Sylvia ou Gioconda?

Rio, 901.

## A' ELEONORA DUSE

*Dopo molt'anni d'assenza del palco scenico di Rio de Janeiro*

"Avé! Artis plena."

Siete dunque fra noi, dolce Eleonora!
E come siete ancor la stessa Artista
Che ho veduto, cosi naturalista,
Splendere nella vostra altiéra aurora!

Di piú, siete aggrandita, Tosca Flora,
Dell'immortalitá ch'il genio acquista,
Dopo aver fatto d'Ibsen la conquista,
Coll'arte di Ristori, allora allora.

Ma, chi puó dir qual si la vostra arte,
Si fra il mondo e voi la scena è messa
E vi conduce il Genio ad ogni parte!

Colla Sarah Bernardth — genial anch'essa! —
La vostra arte latina si riparte;
Ma vostra gloria... è vincere voi stessa!

Rio, 17-VI-07.

## A' COQUELIN-CYRANO

(*Dans son retour à Rio*)

C'est bien toi, vieux Coquelin? C'est bien toi, Cy-
[rano?
On voit que ton chapeau porte encor son panache;
Que tu n'es pas gêné autant qu'il n'est pas lâche;
Que sait porter son nez... ton génie toujours beau.

Et pourtant son amour dans ton génie se cache,
Aussi bien que son nez sous ton sombre chapeau;
Et l'affreuse douleur de ne pas être beau,
Avec des rimes d'or, son desespoir t'arrache.

Il va trainant partout, poète au nez d'ivrogne,
De ton coeur amoureux le travesti grélot
Qui résonne dans la voix d'un cadet de Gascogne.

Mais, quand le doux baiser de Roxane, lá haut,
Retentît... n'as tu pas taillé à la besogne,
— D'Artagnan — Coquelin! — au nom de Cyrano?

Rio, 05.

## NA MORTE DE CYRANO DE BERGERAC

*A Ermete Zacconi, atravez de Coquelin ainé*

Tristissimo cahir das folhas, lento e lento...
Quanta esperança nasce e morre n'um momento!

ROXANE.

Pobre Cyrano! Emfim, despiste a capa e a espada
E o teu grande pennacho audaz despiste emfim!
Do espirito gaulez nada te resta... nada!
Don Quijote Gascão, poeta e espadachim!

Foi-te a vida — um martyrio! — o culto da estocada
Através de um bom dito ou de um recontro ruim
Do teu amor, Roxana — a duplice morada
A ironia fatal do teu nariz sem fim

Miserrimo! E o que resta agora de tudo isto?
De tão heroico amor? Abominavel quisto
A epopeia immortal desse immortal nariz.

Mas ao ver que te amou Roxana em Christian
Esgrimando no espaço o ultimo alento misero
Morres nos braços d'Ella... Emfim, morres feliz!

## LA COURSE DU FLAMBEAU

(*Sabine-Réjane*)

Quel instrument exquis, cette âme de Réjane!
Il n'ya que vibrer l'échelle chromatique
Du coeur, pour en tirer un chef-d'oeuvre artistique
"La course du flambeau", qui l'écrase et nous tanne.

Et voila, jeune encor, cette mère à l'antique,
Dont l'instinct maternel au bonheur de sa Jane
Tout sacrifie, poussée au crime qui la damne;
Escroquer, en tuant, sa mère hypertrophique!

Non! Jamais clavecin, sous les doigts du génie
D'un Mozart, nous pourrait donner la fugue amère
De sa voix, au récit de son escroquerie...

Et quand elle, égarée, hurle de voir sur terre
Craquer son oeuvre... hélas! — cela nous terrifie...
— Il y a du Macbeth: "Oh! j'ai tué ma mère!"

Rio, Juillet, 1902.

## SOUVENIR DE "L'AMOUREUSE"

A' Mme. Réjane

(*la nuit de sa fête*)

Quand tu m'aimas jadis et, jour et nuit,
Tu m'enivrais d'amour et de caresses,
Dans ta toute puissance de jeunesse,
Je te laissais aller... avec ennui.

Les temps se sont passés; et, aujourd'hui
Que tu ne m'aimes plus... quelle tristesse!
C'est moi qui reviens à ma maîtresse,
Quand ma maîtresse... est la maîtresse à autrui.

Et je n'écris celà qu'au bout de peine
(Ah! si tu m'aimerais comme m'aimais!)
Pour te dire *saudades* de ta chaîne...

Car serais toi qu'alors la briserais
Peu être... pour jouer encor la scéne!
— Oh! ne dites pas non! — Celà est vrai.

1904.

FIM

# Espolio Literário de Generino dos Santos

## HUMANIADAS

Vol. 1º — Liv. 1º: — Paysagens.
» 2º: — Rapsodias pernambucanas.
Vol. 2º — » 3º: — Livro religioso.
» 3º — » 4º: — Immortalidade subjectiva:
1ª parte: Grandes typos da Humanidade.
2ª parte: Typos secundarios.
Liv. 5º: — Marmores e bronzes.
Vol. 4º — » 6º: — Alma collectiva.
» 7º: — Alma alheia.
Vol. 5º — » 8º: — Alma reflexa.
» 6º — » 9º: — Lyrismo.
» 10º: — Versos de amôr.
Vol. 7º — » 11º: — Candido Caetano de Almeida Reis. (Apontamentos para sua biographia.)
Vol. 8º — Liv. 12º: — Æterna carmine.
» 13º: — Seculare carmen.
» 14º: — Varias composições sobre Dante.
Vol. 9º — » 15º: — Civilização chineza.
Vol. 10º — » 16º: — Coénos e ancestraes:
1ª parte: Sonetos da India.
2ª parte: Pequenos cantores do grande cyclo da Navegação Aérea.
3ª parte: Ode épica. — A Esthetica em apuros.
4ª parte: A Floriano Peixoto.
5ª parte: Impressões de guerras.
6ª parte: Pela Historia do Brasil.
7ª parte: Pela America.
8ª parte: Pelo tempo a fóra.
Liv. 17º: — Aos meus amigos.
Vol. 11º — » 18º: — Vária.
» 12º — » 19º: — Moscas de Milão.
» 13º — » 20º: — José Jorge de Siqueira Filho e sua alma inédita.

Preço 7$000